



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS ANTRÓPICOS NA AMAZÔNIA
- PPGEAA
MESTRADO ACADÊMICO INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS ANTRÓPICOS
NA AMAZÔNIA

IZAEL NUNES DA GAMA

**A IGREJA CATÓLICA E O MOVIMENTO DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA
NO CONTEXTO DO MUNICÍPIO DE CASTANHAL**

**CASTANHAL/PA
2021**

IZAEL NUNES DA GAMA

**A IGREJA CATÓLICA E O MOVIMENTO DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA
NO CONTEXTO DO MUNICÍPIO DE CASTANHAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia - PPGEAA, do Campus de Castanhal, da Universidade Federal do Pará - UFPA, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos Antrópicos na Amazônia.

Área de concentração: Estudos Antrópicos.

Orientador: Prof. Dr. João Batista Santiago Ramos.

Coorientador: Prof. Dr. Sérgio Eduardo Nassar.

**CASTANHAL/PA
2021**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)**

G184i Gama, Izael Nunes da.
A Igreja Católica e o Movimento da Renovação
Carismática no Contexto do Município de Castanhal / Izael
Nunes da Gama. — 2021.
98 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. João Batista Santiago Ramos
Coorientador(a): Prof. Dr. Sérgio Eduardo Nassar
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Castanhal, Programa de Pós-
Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia, Castanhal,
2021.

1. Sagrado. 2. Antropia da Religião. 3. Igreja
Católica. 4. Renovação Carismática. 5. Grupo de
Oração. I. Título.

CDD 204

IZAEL NUNES DA GAMA

**A IGREJA CATÓLICA E O MOVIMENTO DA RENOVAÇÃO
CARISMÁTICA NO CONTEXTO DO MUNICÍPIO DE CASTANHAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia – PPGEEA, do Campus de Castanhal, da Universidade Federal do Pará - UFPA, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Antrópicos na Amazônia. Área de concentração: Estudos Antrópicos.

DATA DA AVALIAÇÃO: ____ / ____ / 2021

CONCEITO: _____

BANCA EXAMINADORA:

Orientador: Prof. Dr. João Batista Santiago Ramos
(Universidade Federal do Pará)

Coorientador: Prof. Dr. Sérgio Eduardo Nassar
(Universidade Federal do Pará)

Membro Interno: Prof.^a. Dr.^a. Ísis Abel Bezerra
(Universidade Federal do Pará)

Membro Externo: Prof. Dr. Gustavo Ruiz Chiesa
(Universidade Federal do Pampa)

Dedico este texto à minha esposa Cátia Gama;

Meu filho Marco Antônio Di Adonay;

Minha mãe, Maria Jucileide da Gama (*in memoriam*);

Meus pais (avós) Cezarina Nunes e Francisco Antônio da Gama (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus Pai Eterno e Todo Poderoso, no Filho, com a Força do Espírito Santo, pelo dom da vida, da saúde, do amor e da sabedoria.

À Nossa Senhora de Nazaré, que me levou a conhecer o meu Amigo Jesus, meu Salvador.

À Santa Catarina de Alexandria e Beato Carlo Acutis (padroeiros dos estudantes) pelos seus méritos, inspiração e intercessão a Deus Trino e Uno.

Ao Governo do Estado por conceder a Licença Aprimoramento, indispensável na realização desse sonho.

Ao meu orientador **Prof. Dr. João Batista Santiago Ramos** e Coorientador **Prof. Dr. Sérgio Eduardo Nassar**, pela paciência, livros emprestados e todo os conhecimentos desses mestres que proporcionaram a lapidação da rocha bruta do meu conhecimento antigo para o diamante do conhecimento novo.

À Prof.^a Dr.^a **Eula Regina Lima Nascimento** que cruzou meu caminho, e através da Pedagogia das Elegâncias, deu-me orientações valiosas.

Ao **Bispo Diocesano** e ao **Coordenador Diocesano da RCC** que abriram as portas e se colocaram a minha disposição para ajudar-me.

Aos mestrados da vida que foram no senso comum antecipação desse mestrado acadêmico. Esses mestrados foram: o da necessidade, da salvação e os das “verdades”. Mas como elo desses mestrados vividos não posso deixar de citar a grande mestra que foi união de todo o arcabouço teórico com a realidade. Essa grande sábia foi a minha sogra **Antônia Magalhães da Silva (Dona Santa)**, minha 4^a mãe, visto que, tenho uma no céu e tive duas na terra. Essa grande sábia através da alegoria que nomeiei “Lição do Dedo Cortado” me fez *ad mirar*, ver por dentro tudo aquilo que eu já enxergava por fora.

À minha esposa **Cátia Silva da Gama** pela compreensão e por realizar o meu sonho de ter família, dando-me o meu filho **Marco Antônio di Adonay Silva da Gama**, extensão da minha história.

A todos os professores e colegas de turma do ano de 2019 do Programa de Pós-Graduação, Mestrado Acadêmico interdisciplinar, em Estudos Antrópicos na Amazônia (PPGEAA).

Aos entrevistados do **Clero** e da **RCC**, pois sem eles esse trabalho não teria sido concluído.

A todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram com carinho e atenção durante a construção desse trabalho.

“Até aqui nos ajudou o Senhor”.
עד כה עזרת לנו אדוני
(1 Sm 7, 12b)

RESUMO

Esta pesquisa investigou sobre a RCC e sua relação com a ICAR no contexto do Município de Castanhal, Pará. No referencial teórico, abordamos enquanto eixo central que a ICAR desde sua origem detêm como característica possuir vários movimentos ou territórios sagrados que formam um espaço maior e isso se deve a organização dessa instituição. Existem estudos sobre a RCC, entretanto, essas pesquisas diferem da nossa abordagem. Verificou-se como questão de pesquisa a indagação de como ocorre a chegada da RCC no município de Castanhal e como (acontece) as relações entre a ICAR e a RCC, como objetivo geral temos: compreender as relações entre a RCC e a ICAR no município de Castanhal-PA, assim como nos objetivos específicos buscamos investigar: identificar a visão do clero em relação a RCC e descrever na visão dos participantes da RCC o olhar que estes têm sobre o movimento. Nos motivou investigar esse tema o fato do crescimento da RCC e o espaço que esse movimento tem ocupado no interior da ICAR. Torna-se relevante esse estudo pela própria necessidade da comunidade católica e científica em conhecer melhor a RCC e sua importância para o catolicismo, proporcionando a superação de possíveis preconceitos. Além da revisão bibliográfica, utilizamos trabalho de campo com entrevistas junto aos párocos, bispo diocesano, lideranças da RCC e membros do movimento em Castanhal para entendimento do fenômeno estudado. Nos resultados e discussões, notamos por parte do clero uma rejeição a denominação de católicos pentecostais e uma reafirmação de que a RCC é católica. Dentre as conclusões percebemos que os carismáticos se veem como católicos mais autênticos após fazerem parte do movimento.

Palavras-chave: Sagrado. Antropia da Religião. Igreja Católica. Renovação Carismática Católica. Grupo de Oração.

ABSTRACT

This research investigated about the RCC and its relationship with the ICAR in the context of the Municipality of Castanhal, Pará. In the theoretical framework, we approach as a central axis that the ICAR, since its origins, has had the characteristic of having several movements or sacred territories that form a larger space and this is due to the organization of this institution. There are studies on RCC, however, these studies differ from our approach. It was found as a research question the question of how the arrival of the RCC in the municipality of Castanhal and how (happens) the relations between the ICAR and the RCC, as a general objective we have: to understand the relationship between the RCC and the ICAR in the municipality of Castanhal-PA, as well as in the specific objectives we seek to investigate: identify the view of the clergy in relation to RCC and describe in the view of RCC participants the view they have on the movement. The fact of the growth of the RCC and the space that this movement has occupied within the ICAR motivated us to investigate this theme. This study becomes relevant due to the Catholic and scientific community's need to know better the RCC and its importance for Catholicism, providing the overcoming of possible prejudices. In addition to the literature review, we used fieldwork with interviews with parish priests, diocesan bishop, leaders of the RCC and members of the movement in Castanhal to understand the phenomenon studied. In the results and discussions, we noticed by the clergy a rejection of the denomination of Pentecostal Catholics and a reaffirmation that the RCC is Catholic. Among the conclusions we realize that charismatics see themselves as more authentic Catholics after being part of the movement.

Keywords: Sacred. Anthropy of Religion. Catholic church. Catholic Charismatic Renovation. Prayer group.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tipos de territórios	36
Quadro 2 – Nomes fictícios dos sujeitos da Pesquisa.....	50
Quadro 3 – Perfil Geral dos entrevistados.....	52
Quadro 4 – Unidades de Significado da Questão Geradora.....	54

LISTA DE SIGLAS

- APOT - Associação Promocional de Oração e Trabalho.
- CDC - Código de Direito Canônico.
- CEBs - Comunidades Eclesiais de Bases.
- CEP-ICS/UFPA - Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará.
- CIC - Catecismo da Igreja Católica.
- ES - Espírito Santo.
- GO - Grupo de Oração.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- ICA - Igreja Católica Apostólica.
- ICAR - Igreja Católica Apostólica Romana.
- JEC - Juventude Estudantil Católica.
- JOC - Juventude Operária Católica.
- LM - Legião de Maria.
- MOAC - Movimento Adolescente Cristão.
- MUR - Ministério Universidades Renovadas.
- PPGEAA - Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia.
- RCC - Renovação Carismática Católica.
- TCC - Trabalho de Conclusão de Curso.
- TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.
- TL - Teologia da Libertação.
- TLC - Treinamento de Lideranças Cristãs.
- UFPA - Universidade Federal do Pará.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
Do Pesquisador: a busca com o Sagrado e pelo Sagrado	18
Da Questão de Pesquisa aos Objetivos do Trabalho	23
1 SAGRADO E TERRITÓRIO: A ANTROPIA DA	26
1.1 Antropia como identidade e a malha territorial da RC	36
2 A ICAR EM MOVIMENTO: RCC, ORIGENS E FORMAÇÃO	41
2.1 Pentecostalismo: uma religiosidade, duas vertentes	41
2.2 RCC: o sopro do Espírito na ICAR	43
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	48
3.1 Tipo de abordagem e natureza da pesquisa	48
3.2 <i>Lócus</i> e os sujeitos da Pesquisa	48
3.3 Procedimentos e instrumentos de Pesquisa	50
3.4 Técnica de pesquisa	52
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	54
4.1 Análise Ideográfica sobre a visão do clero e carismáticos em relação a RCC na ICAR	54
4.2 Análise Nomotética sobre a visão do clero e carismáticos em relação a RCC na ICAR	67
CONCLUSÃO	75
REFERÊNCIAS	78
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE	87
APÊNDICE B – FICHA DE IDENTIFICAÇÃO	89
APÊNDICE C – ROTEIRO DA ENTREVISTA (PERGUNTA GERADORA)	90
APÊNDICE D – PARÓQUIAS E COMUNIDADES DA FORANIA DE SÃO JOSÉ	91
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	96
ANEXO B – DOCUMENTO DE FUNDAÇÃO DO GO MAIS ANTIGO DE CASTANHAL	97

INTRODUÇÃO

Estudar o catolicismo é relevante, pois em um universo de 86% de cristãos no Brasil, os católicos representam 64,6% da população de cristãos do Brasil (IBGE, 2012). Portanto, como diz Aquino (2017), estudar as crenças religiosas se torna relevante, pois diversas problemáticas existem nesse meio.

Quanto à Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR), muito cedo fez parte da minha vida, infância. Nesse sentido, toda vivência acadêmica é atravessada pelo tema do catolicismo. Como se nota no produto dos trabalhos anteriores, estudei “As Territorialidades da Legião de Maria (LM) e da Renovação Carismática Católica (RCC) na Paróquia de São José Castanhal Pará” (GAMA, 2008).

Além, “Escolas Católicas: Gestão Confessional, também Tradicional?” (GAMA, 2014), na especialização, e nessa trajetória acadêmica do mestrado opto por pesquisar a RCC como vertente da ICAR.

Por que estudar a RCC, confraria ligada a ICAR, uma das religiões mais conhecidas do planeta? Isso se deve ao fato da Igreja Romana, estar presente a mais de dois mil anos conquistando pessoas, sobretudo, no Ocidente e no Brasil um país de colonização portuguesa, a influência dessa associação religiosa não é pequena.

Uma instituição como a ICAR não pode ser ignorada. Precisa ser estudada e compreendida para sabermos o porquê de sua durabilidade secular, sendo uma religião que apresenta tantos movimentos¹ e diversidades entre todas as outras existentes.

Assim, torna-se relevante pesquisar sobre a RCC, considerada ponta de lança na expansão e recuperação de fiéis do catolicismo. Portanto, em razão da nossa colonização nacional, e também municipal realizada por nordestinos, o catolicismo possui relevância na cultura e nos costumes de nosso país e cidade.

Estudar este fenômeno religioso possui sua notoriedade, ou seja, aprofundar e pesquisar a base dessa religião, bem como a RCC, uma vertente católica influente junto as massas, é igualmente interessante para o campo acadêmico.

¹ Movimento é “partido, agrupamento [religioso ou social], organização que vise a mudanças políticas e sociais [, no caso político, e que vise a vivência de carismas e execução de Pastorais, no caso de agrupamento religioso]” (HOUAIS; VILLAR, p. 1324).

Estudar a RCC na Amazônia, região do *locus* dessa pesquisa, pode ser um estudo singular, pelo motivo de toda a especificidade que possui esta porção territorial do Brasil.

No intento de mostrar a singularidade regional em que se insere a RCC, especificamente no município de Castanhal, Pará, podemos afirmar que, em termos de religiosidade católica, a Amazônia foi deslocada da periferia para o centro das discussões religiosas quando da ocorrência do Sínodo dos Bispos na Assembleia Especial para a Região Pan-amazônica no Vaticano, que se propôs a criar uma liturgia inculturada para os povos indígenas, ou seja, uma liturgia própria da ICAR para os povos originários da Amazônia (*INSTRUMENTUM LABORIS*, 2019).

Nesse contexto, se evocou para esses povos uma liturgia que atendesse a inculturação e a interculturalidade, isto é, que incluísse tradições culturais religiosas indígenas. Também, o *Instrumentum Laboris* (2019) salienta que esse processo não deveria ser algo imposto de cima para baixo, mas uma forma de diálogo, uma construção mútua.

A Igreja da Amazônia afirma que esta liturgia interculturada não quebra a unidade, mas reforça a catolicidade (universalidade) da ICAR. Essa liturgia específica foi aprovada pelo Sínodo e está em estudo no Vaticano; assim como foi aprovado, embora tenha ficado fora do documento final, o *Viri Probatí*.

O *Viri Probatí* se referia a idosos que após um profundo diaconato permanente e depois de formação seriam ordenados padres permanentes, ou seja, padres, casados e que se privilegiariam, se assim fosse ocorrer a ordenação de homens indígenas para ministrar os sacramentos para seu povo.

Embora, no Vaticano ao final do Sínodo, o conhecido e respeitado, Dom Cláudio Hummes chegou a afirmar em entrevista colocando que os *Viri Probatí* iriam se tornar realidade na Amazônia embora fosse demorar por causa da questão de formação para os mesmos; essa matéria que seria uma exceção na lei do celibato, não foi citada nos documentos finais do evento religioso (DOCUMENTO FINAL, 2019; FRANCISCO, 2019; *INSTRUMENTUM LABORIS*, 2019).

Os três últimos parágrafos tiveram o intuito de mostrar a originalidade que esse estudo apresenta, pois, a RCC de Castanhal está inserida nesse contexto amazônico singular.

Teremos a oportunidade de descobrir pelo olhar daqueles que fazem o movimento, bem como pelo olhar do clero castanhalense o significado da RCC para cidade de Castanhal? Assim como identificar se essa diversidade cultural amazônica exerce influência sobre seus membros. Se existe alguma especificidade da RCC em Castanhal em relação ao movimento existente no Brasil e no mundo?

Acreditamos que por meio do método de pesquisa adotado, na análise dos dados compilados e a partir deles demonstraremos respostas sobre tais questões.

As indagações acima não são as hipóteses, pois pelos caminhos adotados para investigação desse problema de pesquisa, optamos pelos estudos por meio da Fenomenologia, sendo que nessa, não há prejulgamentos, tudo está em *époche*, ou seja, tudo fica em suspensão para uma análise posterior pelo olhar da subjetividade (LIMA, 2014). Portanto, as referidas perguntas visam apenas reforçar uma possível originalidade do estudo em perspectiva neste trabalho.

Além do mais, não tem como deixar de mencionar que a ICAR, para muitos, é instrumento, é tecnologia usada para o conforto e bem estar psicológico e espiritual. Inclusive, pode ajudar na superação do sofrimento, bem como, auxiliar em tratamentos médicos, visto que, a fé produz esperança na cura evitando tristeza e depressão.

O efeito inverso, ocorre se o fenômeno da religião se tornar fanatismo e alienação, não por culpa de si própria, mas por motivo de percepção individual de algumas pessoas.

Nessa perspectiva, acreditamos que por meio da área de concentração do Mestrado em Estudos Antrópicos na Amazônia (PPGEAA), com a Linha de Pesquisa Linguagens, Tecnologias e Saberes Culturais nos permite lançar um olhar sobre a RCC como fenômeno cultural com sua linguagem e saberes próprios, dentro do campo religioso liderado pela hierarquia institucional da Diocese de Castanhal, pertencente a ICAR.

Quanto aos estudos sobre a RCC em Castanhal encontramos apenas o de Gama (2008), e o consideramos relevante, pois, investigou as relações de poder existentes dentro da ICAR, sendo esta, seguimento importante da sociedade e que tem grande capacidade de influência sobre si mesma.

Desta maneira, também procurou suprir a carência de estudos desse tipo dentro da Geografia da Religião, que já estudou os territórios das Igrejas Pentecostais,

da ICAR e da própria RCC, mas não encontramos estudos quanto à coexistência territorial dentro da própria ICAR, principalmente em Castanhal constatamos a ausência de tais estudos.

No entanto, a produção da pesquisa aprofundou outra abordagem, o estudo da RCC realizado por Gama (2008), uma vez que para tal fim se tornou urgente uma análise interdisciplinar mais ampla. Sendo assim, foi necessário fazer uso de conceitualizações de várias disciplinas das humanidades ou até mesmo de outras áreas.

Embora, a interdisciplinaridade seja a interação entre duas ou mais disciplinas, usaremos em nossos estudos o conceito de Antropia como categoria interdisciplinar (FAZENDA, 2008; FERNANDES; RAMOS, 2020).

A Antropia é a:

[...] ação construtiva quando, em determinado território, certo grupo humano toma posse, constrói as condições de sobrevivência e as gerências, a fim de ter o controle e a produção dos meios para tanto [ou seja, meios para a sobrevivência do grupo. (FERNANDES E RAMOS 2020, p.4)

É necessário destacar que tal conceitualização sofreu adaptações para nossa análise ligada ao simbólico, todavia discorreremos sobre isso posteriormente, haja vista que, há outras feições da categoria Antropia que nos interessa.

Destacamos ainda, que Antropia além de outros aspectos, possui como característica analisar populações em contato, além da relação humano-meio e humano-humano.

Ressalte-se que a Antropia em si nessa relação dita, ocorre em um território, bem como, também salientamos que nós, por sermos habitados por ideias, crenças e ideologias também somos territórios, visto que nossas ideias muitas vezes podem exercer poder sobre nós.

Portanto, como também estudamos um território menor, a RCC, pertencente e interligado a outro maior, ICAR, essa categoria foi relevante, pois estudamos grupos em contato. Logo, a relação humano-humano se tornou marcante em nossa análise, visto que, tivemos lideranças que conduzem o rito pentecostal utilizado pelas pessoas para a sua relação com o sagrado (RAFFESTIN, 1993; SOUZA, 1995; FILHO, 2002; 2010; ROSENDAHL, 2002; HAESBAERT, 2005; BELLO, 2018; SOUTO, 2020).

Outro aspecto relevante é a relação humano-meio e é nessa característica conceitual que ocorre a adaptação ao simbólico, claro que quanto a isso trabalhamos

em ambiente totalmente antropizado, urbanizado, dado que, embora exista os grupos de oração (GO) da RCC em espaço rural. Não estendemos a pesquisa ao meio rural por motivo de critério de seleção dos GO que serão ditos no método adotado.

Queremos salientar que meio é sinônimo de espaço, tendo isso em vista, este espaço com o qual os membros da RCC se relacionam está muito ligado ao simbólico.

Nessa ótica, sendo mais específico; Alves (1984) afirma que a religião se aproxima mais da poesia que da ciência. Portanto, religião e poesia, possuem a capacidade de nos transportar para aquilo que o autor chama de mundo invisível, ou seja, uma utopia, um lugar ainda não concretizado.

Então, nesse sentido a relação humano-meio na análise religiosa talvez possa se dar no campo da utopia, talvez não a utopia dusseliana como possibilidade de mudança social que se aplicaria mais as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), contudo, apenas um não-lugar ou uma esperança, ou um-sonhar-para-a-frente e esperar para além do dia que aí está – possivelmente fora da lógica marxista –, uma utopia escatológica, ou ainda simplesmente uma escatologia; literalmente a última palavra (BLOCH, 2005; REIS, 2007; HOUAISS; VILLAR, 2009; RAMOS, 2012; LÖWY, 2016).

Essa utopia pode se traduzir também como heterotopia, ou simplesmente não ser uma utopia, mas uma heterotopia (FOUCAULT, 2013). Mas seja utopia ou heterotopia é certo que esse território espiritual da RCC está cheio do Princípio Esperança. Essa esperança não consiste em uma espera inerte, todavia em um esperar caminhante e urgente. Quanto a isto Bloch (2005, p. 49) ressalta que:

[Possuímos] agitação dentro de nós quando se diz que o ser humano não vive para viver, mas "porque" vive. Ninguém escolheu para si esse estado de urgência: ele está conosco desde que existimos e pelo fato de existirmos. [...] [isso] é percebido como uma urgência muito vaga e indefinida. [...]. Essa sede se manifesta constantemente e não se identifica.

Logo, a esperança é urgente e nos consome e temos sede daquilo que conhecemos imperfeitamente, mas o conhecemos, portanto temos sede do Sagrado, almejamos a eternidade (BELLO, 2018). Já no prefácio de Bloch (2005, p. 18) afirma:

O que é desejado utopicamente guia todos os movimentos libertários, e também todos os cristãos o conhecem a seu modo, com a consciência adormecida ou manifestando comoção, a partir dos trechos bíblicos messiânicos ou do êxodo.

Assim, esperança é elemento essencial de um território espiritual, nesse caso, o território da RCC. Em vista de termos discorrido e antecipado feições do território carismático, elemento crucial da Antropia religiosa desse movimento, podemos afirmar que a conceituação de Antropia foi uma das quais, proporcionou a interdisciplinaridade, instrumental necessário para uma pesquisa por dentro de toda a complexidade do objeto que estudamos, bem como analisamos a percepção do fenômeno por aqueles que fazem a RCC.

Desta forma, a interdisciplinaridade se tornou um instrumental necessário para este trabalho, pois, estudar a religião, o catolicismo, em uma abordagem unicamente geográfica, subordinaria a análise do fenômeno no espaço – objeto de estudo da geografia – impediria um estudo mais denso do evento cultural que se pesquisou.

Quanto aos estudos sobre a RCC, na região amazônica, especificamente no Pará, se concentram em Belém, realizados, em sua maioria por Maués (1998, 2001, 2002, 2004, 2007), no qual fez parcerias com outros (MAUÉS; VILLACORTA, 2005) e (MAUÉS; SANTOS; SANTOS, 2002), entretanto, com uma abordagem diversa da nossa, muitos desses estudos são etnográficos, de ritos, processos de cura, todavia, não encontramos no levantamento bibliográfico realizado nenhuma abordagem semelhante a que aprofundamos.

No que se refere a estudos da RCC no Nordeste Paraense, não encontramos estudos desse fenômeno em nossa busca, a não ser o referenciado por Gama (2008) no campus Guamá, da UFPA, Belém.

Para além do estudo que propusemos, quanto ao programa que estamos inseridos, vale ressaltar que a investigação tem importância para nosso crescimento espiritual – ainda que haja a necessidade de projeção, se não fisicamente, mas psicologicamente, para fora do objeto pesquisado. Também, referendamos que esta pesquisa possui notabilidade social pelo que já foi argumentado quanto a importância e influência da ICAR junto às pessoas.

Considerando ainda a notabilidade social quanto à pesquisa da RCC, para além do que já foi argumentado, quanto ao estudo do movimento ser relevante por pertencer a ICAR, uma instituição milenar e influente em nossa sociedade, é

pertinente também destacar que há a necessidade da comunidade católica conhecer melhor esse movimento.

Destarte, a RCC tem se tornado popular nas últimas décadas e, é nesse sentido que a comunidade católica em geral merece e necessita do presente conhecimento, bem como toda comunidade científica, até para que haja a superação de preconceitos e se possa enxergar a RCC como verdadeiramente ela é, através do olhar dos membros e do clero diocesano.

Do Pesquisador: a busca com o Sagrado e pelo Sagrado.

O meu² envolvimento com o tema da religião e a sede por estudá-la, tem sua origem desde as mais remotas memórias da infância. Sendo assim, a paixão pela religião e, em especial pelo catolicismo, iniciou-se aos seis para sete anos. Desta forma, posteriormente, ao ler livros que falavam sobre religião, descobri que minha família possuía um catolicismo popular ou devocional, mesclado com crenças da umbanda e tudo que se aproxime da dimensão do mágico (ROLIM, 1987; PRANDI, 2001; WEBER, 2004; SANTOS, 2006).

Ao tomar contato com as missas, houve o encantamento com a Liturgia Oficial do Catolicismo, os paramentos sacerdotais e até o título da denominação religiosa foi objeto de deslumbramento. Sendo assim, durante as celebrações meu pai confidenciava a minha mãe que colocar-me-ia no seminário, ela discordava da ideia.

Portanto, com o surgimento do medo de ir para o inferno, o sacerdócio aparentou ser um atalho para chegar ao céu e como não confidenciava a ninguém o desejo pela vida sacerdotal, passei a estudar como autodidata, sem nenhuma orientação, as matérias de Filosofia e Teologia. Na época, eu já possuía a idade de dezesseis anos. Deste modo, sempre quis estar por dentro do sacerdócio ordenado, mas sempre o estudei por fora, porque tinha o desejo de estar dentro.

Assim, da pré-adolescência aos dias de hoje, quase sempre estive engajado em algum movimento católico. O primeiro foi o Movimento Adolescente Cristão (MOAC). Em seguida, a participação no MOAC há o afastamento da militância e a conversão a um católico de missas até o meu contato com a LM e a RCC. Quanto a

² Nesta subseção sobre o meu envolvimento enquanto pesquisador, faço a opção por dissertar na primeira pessoa, devido contar a minha história pessoal de envolvimento com o objeto de estudo propriamente dito.

este último, a RCC, denominada de movimento pentecostal pertencente a ICAR, estudei-a, inicialmente em 2008, quando da produção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da graduação em Geografia pela UFPA (GAMA, 2008), sendo que nesse período frequentava com minha mãe (avó) o GO da RCC no bairro lanetama, Comunidade do Cenáculo, cidade na qual resido, Castanhal, Pará.

Minha mãe havia sido legionária³, mas se sentia muito bem ao frequentar a RCC, embora tenha frequentado diversas vezes esse movimento com ela, nunca engajei. Com isso, antes de começar a frequentar o GO da Comunidade do Cenáculo, juntamente com familiares, tomamos contato com a RCC através das chamadas “missas de cura e libertação”, inclusive na época acreditava que o movimento era só aquilo, um tipo diferente de missa.

Impressionava como essas celebrações possuíam grande participação popular, tanto de jovens como adultos, bem como, a execução de muitos louvores, o ostensório⁴ sendo levado entre os paroquianos, dando a impressão de ser um outro rito de missa, que substituíam a original⁵. Apesar disso, essa outra celebração – na minha visão equivocada⁶ da época – era muito interessante, tinha prazer em incentivar a participação de minhas tias que não frequentavam aquele tipo de culto que os católicos denominam de missas tradicionais.

Período que aconteciam essas missas, na Paróquia de Sant’Ana, no Distrito do Apeú, em Castanhal, estava como pároco o padre Sebastião, visto por muitos em

³Legionário(a) é como são chamados os membros recrutados para a LM, após fazer o juramento do compromisso legionário, uma espécie de diálogo com o Espírito Santo (ES). A LM possui uma profunda devoção ao ES; embora essa devoção se manifeste diferente em seus carismas daquela manifestação que se tornou popular pela RCC. O compromisso legionário ocorre após a participação de no mínimo três meses de frequência do candidato a legionário no apostolado. Meu compromisso ocorreu cerca de dois anos após o ingresso na Legião. Isso porque após o juramento, não se pode deixar de ser legionário. Dessa forma, o voto deve ocorrer após muita reflexão (CONCILIUM LEGIONIS MARIAE, 1996).

⁴Ostensório também chamado de Custódia se refere a objeto onde se encaixa a Santa Hóstia (grande) para que ocorra a adoração do Santíssimo Sacramento nas celebrações de culto eucarístico e nas procissões. O vocabulário Ostensório se origina do verbo latino *ostendere* que significa mostrar. Seus formatos variam desde a cruz até o formato circular como um sol com raios em cujo centro é colocado o pão eucarístico. Esse objeto litúrgico foi introduzido no século XIV por ocasião da Festa do Corpo de Deus, bem como, no século XV iniciou-se a exposição do Santíssimo Sacramento no altar para exposição pública. O ostensório não lembra a palavra hóstia, mas sim ostentar, por isso também é utilizado para exibir relíquias de santos (ALDAZÁBEL, 2013; BLAETH, 2008).

⁵ O termo original aqui, não conota o antônimo de falso, mas denota o sentido de origem. Entretanto aqui queremos apenas afirmar que o Rito Romano pós Vaticano II precede o Rito Carismático dançante que existiu antes do fim das denominadas “missas de cura e libertação”. Não podemos afirmar que o Rito Romano pós Vaticano II seja original, pois, antes desse existiu o Rito Tridentino (missas em latim), antes do Tridentino existiu o Rito Ibérico (Portugal e Espanha), hoje inexistente, assim como existem as Igrejas Sui Iuris; Igrejas autônomas que comungam com o Papa; a exemplo citamos a Igreja Bizantina Grega que usa o mesmo rito da Igreja Católica ortodoxa, com a diferença que esta última não comunga com o Papa, mas com o patriarca de Constantinopla ou com o Patriarca de Moscou se for do ramo das ortodoxas Russa. Por fim temos muitos ritos inclusive a Igreja Maronita de São Maron do Líbano, século V que faz a oração eucarística em aramaico, a língua dos arameus que era falada por Jesus histórico. De modo que fica praticamente impossível determinar um rito original, usamos aqui original apenas como rito que antecede e nada a mais.

⁶Visão equivocada, pois a pesquisa com entrevistas junto ao coordenador diocesano da RCC à época esclareceu que não há dois tipos de missas e sim apenas uma única missa oficial da ICAR (GAMA, 2008).

Castanhal como religioso carismático. Logo, pensava – mais uma vez equivocadamente – que esse padre que havia trazido a RCC para a cidade de Castanhal.

Em virtude do fato mencionado, quanto à paróquia do referido religioso, afirmo que vivi esse momento e frequentava as missas. Por isso, a entrevista junto ao então coordenador diocesano da RCC a época proporcionou que suprimisse equívocos e descobri que a verdadeira força da RCC se encontrava nos GO e que no período em que o padre Sebastião esteve na Paróquia de Sant'Ana foi o momento que o religioso polarizou as atenções para si e enfraqueceu os GO (GAMA, 2008).

Para quem não tem essa experiência de participação na RCC os GO são os núcleos em que os carismáticos se reúnem para louvar a Deus através de muitos cânticos, leitura bíblica, reflexão sobre a mesma e manifestação dos carismas pentecostais.

Um GO é formado pela assembleia e os servos, estes conduzem o rito religioso que ali se realiza e se engajam em todos os serviços e ministérios propostos pela RCC, inclusive são incentivados além do movimento a participar de pastorais da ICAR. Quanto à assembleia esta é composta do povo que vai em busca de se relacionar com o Sagrado.

No Ensino Superior, especificamente na graduação, antes de 2008, por volta de 2004, em confissão com um monsenhor, o mesmo quis convencer-me a entrar no seminário, e disse que o Papa Bento XVI, precisava de uma fé inteligente como a minha.

Anos depois, em conversa com um compadre – Fellipe (fictício) – afirmou-me que “fé inteligente, é não ter fé, mas usar a fé para dominar os que tem fé”. Sempre preferi pensar, “liderar os que tem fé”. Entretanto, não significa que a concepção de fé inteligente do monsenhor tenha o mesmo significado da tradução feita pelo meu compadre.

Também, importante destacar que à época nessa minha percepção do que foi chamado de fé inteligente não a concebi como superior a qualquer outra crença de qualquer outra matriz religiosa.

Não entendi o catolicismo como Filosofia, Ciência e Religião, uma fé raciocinada, a exemplo dos kardecistas (PAES, 2011), mas alguém que precisava estudar sua crença e substituir a relação vertical, Humano - Sagrado pela horizontal

com o Sagrado através do relacionamento Humano - Humano, enxergar o Sagrado no outro, levá-lo ao outro, perceber a epifania no rosto do outro (LEVINAS, 1980). Evidentemente, que os conceitos filosóficos vieram posteriormente; mas o desejo foi esse.

No intuito de encontrar a fé inteligente citado pelo monsenhor, aprofundei os estudos, orientado pelo clérigo, iniciei na leitura do Catecismo da Igreja Católica (CIC, 1993). Também tive contato com a Patrística, Bibliologia, Parapsicologia e temas teológicos⁷, passei a estudar a história da ICAR (RUSSELL, 1969; BETTENCOURT, 1997; NUTI, 2004; BOGAZ; COUTO; HANSEN, 2008).

Lembro-me que a leitura de Alves (1984, p. 61), afirma que pratica o “[...] brincar de ‘faz de conta’. [Ou seja, o abandono de suas] [...] certezas para ver como o mundo se configura na visão de outra pessoa”, inspirou-me a ver com o olhar dos outros, ou seja, projetar para a teoria de outro pesquisador e fazer o exercício de vê-la como correta em detrimento dos nossos princípios. Isto posto, ao imitar o autor, dissolvi muitos dos meus preconceitos.

Ainda em busca do significado de fé inteligente, necessária à minha relação com o Sagrado, tive contato com o documentário produzido pela TV Câmara sobre a vida e a obra de Rubem Alves. Assim, em entrevista o referido autor afirma:

[...] um dia me deu na cabeça essa iluminação, porque para protestantes e católicos a bíblia é a Palavra de Deus. Deus que inspirou aquilo, mas um dia eu pensei, como é que eles juntaram os livros da bíblia, a gente pensava que os livros tinham sido magicamente colecionados, aí eu percebi que não, que eram, eram congressos, que, congressos religiosos que selecionaram os livros, então eles não tinham nada de sagrados, foram os homens que escolheram aqueles livros. Acreditei, de repente, de repente, de repente, bam [o entrevistado pela TV Câmara emite o som bam] a cabeça abriu, eu fiquei tão horrorizado com a mediocridade que eu perdi a fé (VALENTIM, 2013).

Com a afirmação de Alves em Valentim (2013), questionei se o autor possuía a mesma tradução de fé inteligente do Felipe. Também no mesmo período, em conversa com um padre, afirmou-me que no primeiro dia de aula de Filosofia o professor proferiu “quando acabar esse curso, se vocês ainda acreditarem em Deus, vai ser um milagre”.

7 Patrística é o estudo da teologia dos chamados “Padres da Igreja”, os padres do primeiro século, patrologia é a biografia desses padres. Por sua vez bibliologia, o nome já afirma, estudo da bíblia, parapsicologia, psicologia do paranormal, temas teológicos, é vida após a morte, entre outros. (BETTENCOURT, 1997; NUTI, 2004; BOGAZ; COUTO; HANSEN, 2008).

O referido padre afirmou que “a Filosofia é a *secura* [esvaziamento] da fé, nos forçaram [através de questionamentos filosóficos] de todo jeito”. Em vista disso, perguntei-me se a assertiva deste sacerdote corrobora a tradução de fé inteligente feita por Fellipe associada ao pensamento de Alves na mencionada entrevista à TV Câmara.

Senti a necessidade de citar vários personagens, pois todos imprimiram conhecimentos importantes, uma vez que, como professor procuro sempre ser um aluno atencioso. As ideias citadas também passaram a fazer parte de meus questionamentos, passei a traduzi-las para mim. Além disso, até a escolha da minha profissão como professor possui relação com a ICAR, pois ao descobrir que não tinha vocação para o Magistério Sagrado, me dediquei ao magistério secular.

Após o término da graduação e aprovação em concurso, houve o casamento que concretizou minha escolha por um sacerdócio comum, leigo engajado (IUBEL, 2008). Pois, até meu casamento interpretei a luz de eventos bíblicos, porquanto cheguei a pensar no passado que assim como Jacó saiu da casa de seu pai Isaac e foi à casa de seu tio Labão buscar sua esposa Raquel⁸, eu também saí de Castanhal e fui a Capanema buscar minha esposa Cátia Cilene.

Dito isto, não só o matrimônio, mas o ato de definir o nome do meu filho durante minha adolescência, está repleto da dimensão religiosa, dado que, inspirado em texto bíblico, imitando a relação de Deus com o profeta: “[...] Antes mesmo de te formar no ventre materno, Eu [Deus] te escolhi; antes que viesses ao mundo, Eu te separei e te designei para a missão de profeta para as nações!” (Jeremias 1, 5).

Assim, tudo em mim teve influência do sentimento da religiosidade, até a grafia do nome do meu filho teve essa influência. Entretanto, na busca pela fé inteligente, inicialmente passei a acreditar que tudo isso fosse sugestão, no que lemos a bíblia e acreditamos que nossa vida está se confirmando biblicamente, além do que “[...] a influência da família na construção da história vocacional de cada sujeito-membro [...]” (GONÇALVES, 1997, p. 79) é quase que determinante.

Pode não ter nada a ver com sugestão, mas, com a *mimesis* de Erich Auerbach e com a *poiesis*, pois os textos bíblicos podem nos levar a uma dinâmica entre *mimesis* e *poiesis*, isto é, imitação e representação da realidade com a criação

8 Para suas núpcias, o personagem bíblico Jacó precisou sair da sua terra natal para encontrar a Raquel sua esposa preferida, em terra estrangeira. (cf. Gêneses 28,1-28).

e representação da realidade. Ou ainda, os filósofos idealistas tenham razão⁹; a realidade é a ideia que temos da própria realidade. (PIRES, 1981; BETTENCOURT, 1997; REIS, 2007; COELHO, 2012).

Por fim, muitas lembranças vêm à tona, contudo, estamos quase no fim de um resumo de quarenta e dois anos de vida. Mas, cabe destacar, que adentrar na religião por meio dos estudos e leituras de matérias que subsidiassem no entendimento do catolicismo, foi me tornando cético, todas as minhas crenças desmoronaram, desconstruíram-se. E era como se me olhasse em um deserto árido, mas o encantamento continuava.

Pensei crer-me um “poço” de contradições, mas descobri que imanência e transcendência são inerentes ao ser humano (BOFF, 2009). Portanto, essa relação dialética que provoca o choque dos contrários (fé e ceticismo), é que me permitem ressurgir todos os dias um homem novo. Logo, alguns poderiam perguntar: como há um permanente embate entre fé e ceticismo, porque não se afastar da Igreja?” A esta pergunta eu responderia com as palavras de padre Albano, personagem da novela Roque Santeiro, ao pôr fim na relação platônica – amor a distância - que possuía com a Tânia, filha do Senhorzinho Malta, “[...] sem a minha Igreja, eu sou um soldado sem exército” (OLLIVEIRA, 2020).

Em virtude dos fatos mencionados, coloco-me nesse memorial como sou, transparente e sem amarras, não que a ciência limite o pesquisador, mas partiremos de uma tradição científica, bem como, a orientação necessária. Assim sendo, nessa subseção escrevo como “Eu”, nos outros capítulos e subcapítulos somos “Nós”. Entretanto, assim como o “Eu” está repleto pelo “Nós”, o “Nós” estará cheio do “Eu”.

Da Questão de Pesquisa aos Objetivos do Trabalho

Este estudo surge como esforço de responder a seguinte questão de pesquisa: Como ocorre a chegada da RCC no município de Castanhal e como (acontece) as relações entre a ICAR e a RCC?

Nessa via, buscando responder ao problema de pesquisa, delineamos como objetivo geral:

⁹ Segundo Reis (2007) para os filósofos idealistas a realidade não é algo em si, mas a ideia que temos sobre esse algo.

- Compreender as relações entre a RCC e a ICAR no município de Castanhal-PA.

E como objetivos específicos buscamos investigar:

- Identificar a visão do clero em relação a RCC;
- Descrever, na visão dos participantes da RCC, o olhar que estes têm sobre o movimento.

Nosso trabalho parte do entendimento que a RCC é um território menor pertencente a outro maior e mais complexo que é a própria ICAR formada por retalhos de territórios do Sagrado, cada qual com sua forma específica de manifestação. Assim sendo, a pesquisa prioriza o olhar da RCC para a ICAR, em detrimento do olhar da ICAR para o movimento (HAESBART, 2005; ROSENDAHL, 2002).

Como a abordagem diz respeito ao estudo de vertente religiosa (Território Sagrado) da ICAR, trabalhamos com o conceito de Sagrado proposto por Filho (2002; 2010), Souto (2020) e Bello (2018), território e territorialidade Rosendahl (2002) e Haesbaert (2005). Sendo este último conceito elemento primordial no entendimento de Antropia (FERNANDES; RAMOS, 2020).

A pesquisa foi estruturada em quatro capítulos, sendo que, no primeiro, nominado “Sagrado e Território: a Antropia da religião”, apresentamos uma discussão teórica acerca dos conceitos que serviram de instrumento de análise deste trabalho.

O arcabouço teórico metodológico que norteou nosso olhar, as vivências e experiências dos sujeitos participantes do estudo foram vistos pela Fenomenologia para compreender o objeto de estudo.

No segundo capítulo, denominado “A ICAR em movimento: RCC, origens e formação”, dentro de uma perspectiva do geral para o particular discorreremos sobre as origens e expansão da RCC. Em, vista disso, delineamos as origens históricas do movimento nos Estados Unidos e sua chegada ao Brasil.

No terceiro capítulo, designado “Procedimentos Metodológicos”, utilizamos da abordagem qualitativa, com entrevistas do bispo diocesano, coordenador diocesano da RCC, os párocos e três membros dos três GO mais antigos da RCC na cidade de Castanhal, bem como a Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado proposta por Moreira, Simões e Porto (2005) será nosso procedimento para verificação dos dados.

Finalmente, no quarto capítulo denominado Resultados e Discussões apresentamos a análise das entrevistas e a discussão dessas dialogando com o referencial teórico que adotamos para a formulação e verificação deste estudo.

1 SAGRADO E TERRITÓRIO: A ANTROPIA DA RELIGIÃO

O sagrado é a categoria de análise do fenômeno religioso e de acordo com Filho (2010, p. 254) interessa tanto as Ciências Humanas quanto a Filosofia. No uso dessa categoria evita-se “reduzir a religião somente a uma instituição [unicamente] humana, [pois se assim fizermos,] cumprimos o papel de qualificá-la [...] sob dois pressupostos: como sistema simbólico ou como ideologia” (FILHO, 2002, p. 254).

A religião não pode ser reduzida a uma instituição humana porque ao fazermos isto subestimamos o aspecto mais legítimo e essencial de todas as religiões que é a sacralidade, portanto a religião é, na visão de Otto (1992), a experiência do sagrado.

Como o nosso trabalho pretende realizar análise de vertente religiosa, iremos trabalhar para além da noção de território e territorialidade com a categoria Sagrado e, por conseguinte este conceito proporciona que a realidade seja vista de forma específica, pois possibilita que a realidade seja olhada ligada ao Transcendente, ou seja, ao Sagrado.

Para Otto (1992) este conceito é uma categoria de interpretação e avaliação *a priori*, sendo assim, somente podemos remetê-lo ao contexto religioso. Consequentemente, ainda quanto à referida categoria Filho (2002, p. 255) afirma que:

A teoria do sagrado de Otto nos permite resguardar um atributo essencial para o fenômeno religioso, ao mesmo tempo que o torna operacional. Nesta abordagem, o sagrado reserva aspectos ditos racionais, ou seja, passíveis de uma apreensão conceptual por meio de seus predicados e aspectos não racionais que escapam à primeira apreensão, sendo estes exclusivamente captados enquanto sentimento religioso.

Desta forma, “um objeto divino pode ser percebido a partir da experiência religiosa, pelo sentimento religioso” (FILHO, 2010, p. 3), é o que Otto (1992) denomina de sentimento numinoso (*sensus numinis*)¹⁰. Com isso a territorialidade da RCC torna-se perceptível através da forma de manifestação religiosa e da fala dos personagens que protagonizam o movimento como território da ICAR.

Ainda quanto ao sagrado, Bello (2018) desenvolve uma Fenomenologia da religião, mas que também poderia ser chamada de Fenomenologia do Sagrado. Esta

¹⁰Este sentimento é um estado afetivo específico provocado pelo objeto sagrado, ou seja, é o sentido do divino. O *numem* é o que emerge da ideia do sagrado enquanto elemento não apreendido por conceitos racionais, mas por determinado sentimento. (OTTO 1992, p. 15) fala de uma categoria numinosa como de uma categoria especial de interpretação e de avaliação e, da mesma maneira, de um estado de alma numinoso que se manifesta quando esta categoria se aplica, isto é, sempre que um objeto se concebe como sagrado.

autora utiliza a Filosofia de Edmund Husserl e de Edith Stein como principais referenciais teóricos, assim como faz uso da Antropologia cultural e da história da religião em seus estudos. Logo, Bello (2018) realiza uma arqueologia do Sagrado, em que busca seu sentido desde as culturas arcaicas até a constituição do sacro nas religiões ditas complexas.

No entanto, o interessante é que a autora vê o Sagrado como algo externo ao humano e a relação com o sacro se dá através da Potência que pode ser entendida como o fator religioso numênico com o qual o fiel faz sua experiência com o Outro. Evidentemente, que o Outro pode também se manifestar na face do outro ou emanar no outro e em nosso interior; isso a autora parece não negar (LEVINAS, 1980; BOFF, 2009; SOUTO, 2020).

O que Bello (2018) nega através de uma densa argumentação filosófica é o ateísmo. Portanto, ela não concebe o Sagrado como uma invenção humana, como fruto da não aceitação do homem de seus limites e por isso o mesmo se iludiria com a existência de algo ilimitado e potente. Com relação a isso, a autora afirma que:

Pode-se observar, portanto, que o desejo nasce de um sentimento de falta que se posiciona diante de uma plenitude e que o limite nasce da consciência a respeito do ilimitado. Mas se somos finitos, então, como podemos pensar o infinito? A única resposta válida é que nós já conhecemos, ainda que de modo imperfeito, alguma coisa que nos supera, ou melhor, que consiste em algo Potente e Absoluto, e tal conhecimento não pode provir de nós mesmos, que somos limitados, mas nos é dado pelo próprio ilimitado: trata-se daquele raciocínio que atravessou a história da filosofia, de Platão a Agostinho, de Anselmo a Descartes, chegando a Edmund Husserl e a Edith Stein (BELLO, 2018, p. 25).

Então, embora a transcendência seja algo inerente ao humano, a mesma é suscitada pelo Sagrado que está para além do homem. Conseqüentemente, a relação com o Sagrado; essa tendência a transcendência é algo insuprimível na vida do homem embora isso possa ocorrer por meio de substituição (BOFF, 2009; BELLO, 2018; SOUTO, 2020).

Quanto a substituição do sacro Bello (2018, p. 26) destaca:

[...] [a possibilidade de se] realizar uma espécie de transferência e considerar que alguma coisa particular que foi obtida (os conhecimentos, a vida tranquila ou frenética, o dinheiro, o conhecimento em um campo de saber absolutizado) possa preencher o espaço daquela que pode ser definida como abertura à Potência; mas se sabe também que, no fundo, todas essas coisas são passageiras e, portanto, tem-se medo de perdê-las. Por outro lado, o encontro com o Outro satisfaz completamente o desejo, porque corresponde totalmente às expectativas humanas, dando contentamento exatamente porque se refere a toda situação particular, iluminando tais situações, dando-

Ihes um sentido que as relativiza porque as transcende, mas que, ao mesmo tempo, Ihes dá vida.

Desse modo, só o encontro com o Outro, manifestado na face do outro ou emanado neste, ou em si mesmo, ocorre o plenificar da vida daquele que se relaciona com o sagrado.

Esse entendimento de Bello (2018) caracteriza bem o sagrado que podemos encontrar pelo olhar daqueles que fazem a RCC, pois, não seria estranho afirmar que os católicos, em geral, veem o sacro como um Outro ser absoluto, se assemelhando a visão da referida autora.

Apenas no intuito de ilustração, pois não faz parte de nossa questão de pesquisa, nem objetivos, poderíamos exemplificar que a glossolalia nos carismáticos seria a Potência que os une ao sacro; seria talvez o transbordar desse neles, um estágio entre o céu e a terra. Ou seja, o Sagrado imortal falando pela boca do mortal.

Ainda quanto a Fenomenologia de Bello (2018), realiza sua leitura fenomenológica utilizando os conceitos de *hylética* e *noética* que são compreendidos como momentos que constitui o fenômeno religioso como experiência de vivência. Nesse contexto, *hylética* e *noética* são estruturas formadoras da experiência humana, sendo que a primeira diz respeito “[...] ao que é próprio da materialidade da vivência, enquanto a segunda corresponde ao que dá sentido à materialidade, pois reflete o caráter numênico da experiência” (SOUTO, 2020, p. 571).

Dessa forma, as conceituações de Otto (1992) e Bello (2018) foram essenciais, visto que, estudamos a vivência dos membros da RCC. Portanto, para cumprirmos com o nosso intuito, caminhamos pelo método dos dois referidos autores, a Fenomenologia.

A Fenomenologia, de acordo com Lima (2014), foi desenvolvida por Husserl que no concernente a esse método afirma:

Tendo em vista que todas as espécies de vivências (incluindo-se entre elas as vivências do intuir externo, cujos objetos são por sua vez chamados de aparições externas) podem também vir a ser objetos de intuições reflexivas e internas, chamaremos 'fenômeno' tudo aquilo que é vivência, na unidade de vivência de um eu: a fenomenologia é, por conseguinte, a doutrina [*Lehre*, que é preferível entender como 'ciência' ou 'teoria'] das vivências em geral, abrangendo também a doutrina [ciência] de todos os dados, não só os genuínos, mas também os intencionais, que podem ser evidenciados nas vivências (HUSSERL, 1996, p. 207).

Lima (2014) destaca que Husserl desenvolve todo o método, mas não aprofunda cada item do mesmo, deixando que isso seja realizado pelos pesquisadores que dele façam uso. Conseqüentemente, os grandes nomes da fenomenologia assim o fizeram como Heidegger (1973; 1987; 1998), que discute o “ser” e a superação da subjetividade e do salto para a terceira margem, que consistiria em abirmos mão de nossa subjetividade abandonando nossas certezas para adentrar na experiência do outro. Quanto a terceira margem e a superação da subjetividade, Lima (2014, p. 70-71) salienta que isso consiste em dar passo um tanto arriscado e:

Há que lançar-se numa aventura, como se estivesse diante de um rio e, num instante de inquietude, lançar-se, saltar. Há que mudar de margem. E este mudar de margem não significa um salto para o outro lado do rio, para a outra margem. Lá também existe a promessa de um solo seguro, sustentador da vida, acalentador da subjetividade. Não! Este salto deve ser mais ousado... deve ser o salto no infundado... na terceira margem, onde não há solo cristalizado sustentador da vida. Falamos aqui do salto realizado pelo personagem de Guimarães Rosa no conto “A terceira margem do Rio”. A subjetividade estava encarnada na figura do Pai, um senhor até então ordeiro que um dia ousou abandonar o solo seguro da margem em que estava e empreitou-se na construção de um barco.

Portanto, a terceira margem, metaforicamente representada por Lima (2014) em Rosa (1977) em que o personagem Pai manda fazer um barco, não é atravessar o rio para outra margem, mas sim, permanecer indefinidamente no rio. Nisso, o Pai que era arraigado em sua subjetividade como homem ordeiro e cumpridor de seus deveres, um dia rompe com a mesma e dá o salto para a terceira margem.

Também, ressaltamos que a Fenomenologia foi a nossa terceira margem, pois devido aos antigos mestres da graduação e a antigos hábitos de consumir literatura de autores marxistas, talvez tivéssemos desenvolvido o costume de ver um fenômeno sempre em contraposição a outro.

Claro, que o marxismo não se resume ao postulado de conflito de classes que proporciona perceber um fenômeno em contraposição a outro, pois em Marx o que existe não são dois lados, mas sim a dialética, constituto fundante da existencialidade humana. A dialética nos lança adiante como inacabamento e num movimento contínuo do existir como processo ancorado no não fechamento, na não clausura do ‘em si’ para a abertura ao outro, o ‘para si’.

Assim, ao assumir a Fenomenologia como campo teórico cremos que evitamos apenas atravessar de uma margem a outra e que o trabalho se tornasse como o símbolo do Império Bizantino quando da mudança da capital do Império Romano de

Roma para Constantinopla, uma águia de duas cabeças, olhando em duas direções diferentes.

Quanto ao salto para a terceira margem Heidegger (1973, p. 367) afirma:

De fato, o que seja o homem permanecerá calado enquanto este não se colocar em questão, isto é, enquanto este não se aventurar saltar na questão. Façamos, pois, este salto para o além – melhor dizendo, para o aquém do que seja o homem. Tentemos perscrutar o que fez com que o filho, no momento à beira do salto, sentisse “arrepiaados os cabelos”, e corresse, fugisse. Coloquemos, pois, em questão, o “animal racional”. Saltemos rumo ao “perigo”: “A descida é bem mais difícil e perigosa, particularmente ali onde o homem perdeu-se na subjetividade.

Enquanto Heidegger (1973) nos propõe superar a subjetividade através do salto para a terceira margem, Merleau-Ponty um dos representantes da Fenomenologia francesa, discute sobre a subjetividade existencial e supera a dicotomia espírito e corpo. Portanto, Merleau-Ponty mantêm alguns elementos da tradição e rompe com outros, dentre os quais, ele supera os dualismos e evita ver o corpo como um motor guiado pelo espírito, para esse autor o corpo é sujeito no mundo e é o corpo o sujeito da percepção. Para esse fenomenólogo francês não é o pensar para existir, mas o existir para pensar (LIMA, 2014).

Para Merleau-Ponty (1999, p. 221) o corpo não é o “invólucro transparente do Espírito”, para ele “[...] [o corpo] é visto como o “veículo” do ser-no-mundo, o liame que situa o sujeito temporal e espacialmente” (LIMA, 2014, p. 79). Logo, Merleau-Ponty (1999) rejeita a visão de corpo objeto e para ele é através do corpo que nos colocamos no mundo e é por isso que possuímos a sensação, a percepção do que nos rodeia.

Portanto, ao pensar o corpo na concepção merleau-pontyana percebemos nas observações de campo que a RCC possui uma linguagem corporal própria, isto é, o corpo verbaliza as orações. Claro que na missa, centro do culto divino também assim como na RCC o corpo fala igualmente; o levantar antes da leitura do evangelho simboliza o ressuscitar dos mortos, o rezar de mão postas, representa um ato de submissão, conservação da saudação do vassalo ao seu suserano, o rezar o pai nosso de braços abertos é a conservação da forma judaica de rezar; sabemos disso, mas o que queremos dizer é que a RCC possui uma linguagem corporal própria que contagia os presentes em um GO.

Desse modo, as principais conceituações da Fenomenologia para nossa análise será as de Otto (1992), Filho (2002; 2010) e Bello (2018) quanto ao Sagrado, além do conceito de Antropia e território como elemento categorial desta, assim, conseqüentemente, os outros conceitos são secundários para dar melhor entendimento aos supramencionados.

Necessário se faz, afirmar que nesse trabalho não se pretende uma análise geográfica, todavia, utilizamos a categoria de território e territorialidade por estes estarem intimamente ligados ao conceito de Antropia, como também adotamos o conceito de centro de convergência e irradiação de Rosendahl (2002) da Geografia da Religião. Em vista disso, toda ação antrópica se dá em um território, e de acordo com Fernandes e Ramos (2020), nem sempre essa intervenção na natureza é negativa como se convencionou a perceber a ação humana no ambiente sempre como algo ruim.

Também mais adiante veremos que Haesbaert (2005) divide o conceito de território em duas classificações, as quais são: território funcional e território simbólico, sendo este último o que utilizaremos em nossa pesquisa.

O ambiente territorial de nossa análise como mencionado na Introdução talvez esteja ligado a um não lugar que possivelmente seria melhor denominá-lo de heterotopia (FOUCAULT, 2013). Mas, o que seria esse território simbólico, que discorreremos adiante, e que talvez se dê no espaço de uma heterotopia? É aquilo que Alves (1984, p. 20) denomina de mundo invisível e este, segundo esse autor, na Idade Média esteve

[...] mais próximo e [foi] [...] mais sentido que as próprias realidades materiais. Nada acontecia que não o fosse pelo poder do sagrado, e todos sabiam que as coisas do tempo estão iluminadas pelo esplendor e pelo terror da eternidade.

Por isso, o território simbólico está repleto do Sagrado, repleto de símbolos e coisas que remetem ao sentimento para com o divino, isto é, tais objetos sagrados provocam o sentimento numinoso. Quanto as coisas sagradas Alves (1984, p. 12) afirma:

[...] não é uma eficácia inerente às coisas. Ao contrário, coisas e gestos se tornam religiosos quando os homens os balizam como tais. A religião nasce com o poder que os homens têm de dar nomes às coisas, fazendo uma discriminação entre coisas de importância secundária e coisas nas quais seu destino, sua vida e sua morte se dependuram. E esta é a razão por que, fazendo uma abstração dos sentimentos e experiências pessoais que acompanham o encontro com o sagrado, a religião se nos apresenta como

um certo tipo de fala, um discurso, uma rede de símbolos. Com estes símbolos os homens discriminam objetos, tempos e espaços, construindo, com o seu auxílio, uma abóbada sagrada com que recobrem o seu mundo. Por quê? Talvez porque, sem ela, o mundo seja por demais frio e escuro. Com seus símbolos sagrados o homem exorciza o medo e constrói diques contra o caos.

E talvez aí esteja a importância dos símbolos, pois proporcionam a mediação com o mundo invisível. Sendo que esse mundo invisível ou heterotópico dá sentido ou torne mais suportável o mundo visível e concreto.

O conhecimento religioso é conhecimento de nós mesmos e quanto a isto, Alves (1984, p. 5) assegura que estudar a religião está “longe de ser uma janela que se abre apenas para panoramas externos, é como um espelho em que nos vemos. [...] a ciência da religião é também ciência de nós mesmos: sapiência, conhecimento saboroso”.

Outro aspecto a ser tratado antes de discorrermos sobre o conceito de território propriamente dito, seria sobre o entendimento de heterotopia. Desse modo, heterotopia se refere ao espaço com múltiplas e complexas alocações que se fizeram presentes em todas as sociedades e para nós se torna uma forma de relação entre várias alocações, isto é, vivemos em uma justaposição espacial (FOUCAULT, 2013; GUERRA, 2021).

Para Foucault (2013), as várias alocações que se traduzem em uma justaposição espacial na qual vivemos é constituída por espaço interno e externo que forma o nosso ambiente de vivência. Quanto ao espaço interno o autor discorre que:

A obra – imensa – de Bachelard, as descrições dos fenomenologistas nos ensinaram que não vivemos em um espaço homogêneo e vazio; mas, ao contrário, em um espaço que é todo carregado de qualidades, um espaço que é talvez também assombrado por fantasmas. O espaço de nossa percepção primeira, o de nossos devaneios, o de nossas paixões, detém em si qualidades que são como intrínsecas; é um espaço leve, etéreo, transparente ou, então, é um espaço obscuro, caótico, saturado: é um espaço do alto, um espaço dos cimos ou é, ao contrário, um espaço de baixo, um espaço da lama; é um espaço que pode ser corrente como a água viva; é um espaço que pode ser fixado, imobilizado como a pedra ou como o cristal. Essas análises, no entanto, [...], concernem, sobretudo, ao espaço do dentro (FOUCAULT, 2013, p. 114-115)

Essa colocação quanto a um espaço interno corrobora também a ideia que somos um território habitados por ideias, ideologias, crenças e que tais muitas vezes exercem poder sobre nós. Voltando aos pensamentos do autor, em relação ao espaço

externo – o qual ele se debruça a explicar em detrimento ao interno – o mesmo afirma que:

O espaço em que vivemos, pelo qual somos lançados para fora de nós mesmos, no qual se desenrola precisamente a erosão de nossa vida, de nosso tempo e de nossa história, esse espaço que nos corrói e nos erode é também, em si mesmo, um espaço heterogêneo. Em outras palavras, nós não vivemos em uma espécie de vazio, no interior do qual seria possível situar indivíduos e coisas. Nós não vivemos no interior de um vazio que se revestiria de diferentes espelhamentos; nós vivemos no interior de um conjunto de relações que definem alocações irredutíveis umas às outras, e absolutamente não passíveis de sobreposição (IDEM, 2013, p. 115).

À vista disso, as heterotopias são alocações em que uma não se impõe à outra, mas todas estão pulverizadas no espaço, ao mesmo tempo que estão interligadas. Em virtude disso, o autor destaca que em nossa época vivemos no período da simultaneidade em que a nossa experiência do mundo se assemelha mais a “uma rede que liga pontos e entrecruza seu emaranhado” (IDEM, 2013, p. 113) do que uma vivência que se desenvolveria através do tempo.

Importante salientar que para o autor, heterotopia se contrapõe a utopia, pois ele assegura que utopia se refere a dada alocação sem lugar real; a espaços irreais que mantêm com espaços reais da sociedade uma relação de analogia direta ou invertida. Portanto, a utopia reflete uma sociedade aperfeiçoada ou o inverso do que ela é (IDEM, 2013).

Em relação a heterotopia como contraposição a utopia o autor afirma:

Há igualmente – e isso provavelmente em toda cultura, em toda civilização – lugares reais, lugares efetivos, lugares que são desenhados na própria instituição da sociedade e que são espécies de contra-alocações, espécies de utopias efetivamente realizadas, nas quais as alocações reais, todas as outras alocações reais que podem ser encontradas no interior da cultura, são simultaneamente representadas, contestadas e invertidas; espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora sejam efetivamente localizáveis. Por serem absolutamente outros quanto a todas as alocações que eles refletem e sobre as quais falam, denominarei tais lugares, por oposição às utopias, de heterotopias. E creio que entre as utopias e essas alocações absolutamente outras, essas heterotopias, haveria, sem dúvida, uma espécie de experiência mista, conjugada, que seria o espelho. O espelho, afinal de contas, é uma utopia, pois é um lugar sem lugar. No espelho, eu me vejo onde não estou, em um espaço irreal que se abre virtualmente atrás da superfície; estou ali onde não estou; uma espécie de sombra que me confere minha própria visibilidade, que me permite olhar-me ali onde sou ausente: utopia do espelho. Mas é igualmente uma heterotopia, na medida em que o espelho existe realmente e tem, no local que eu ocupo, uma espécie de efeito de retorno; é a partir do espelho que me descubro ausente do local onde estou, já que me vejo ali. A partir desse olhar, que de certa forma se dirige a mim, do fundo desse espaço virtual do outro lado do vidro, eu retorno a mim e recomeço a dirigir meus olhos a mim mesmo e a me reconstituir ali onde estou. O espelho funciona como uma heterotopia, no

sentido de que ele torna esse local, que eu ocupo no momento em que me olho no vidro, ao mesmo tempo absolutamente real, em ligação com todo o espaço que o cerca, e absolutamente irreal, já que tal local precisa, para ser percebido, passar por esse ponto virtual que está ali (IBDEM, 2013, p. 115-116).

Dessa maneira, compreendemos um território religioso também como uma heterotopia, pois lá como que em frente a um espelho somos confrontados conosco mesmos, a palavra que ali é proferida nos obriga a um exame de consciência e muitas vezes uma mudança em nossa Antropia interna que se traduza em atitudes externas. cremos que os GO da RCC, assim como a missa ou outras formas de culto nos proporcionam isso, pois cremos que ao rezar falamos com Deus, mas também conosco mesmos, não no sentido que Deus seja nossa projeção aperfeiçoada, porém na crença que a Potência do Sagrado também nos habita.

Voltemos agora ao conceito de território, que é essencial para a sobrevivência de qualquer grupo, inclusive aos pertencentes aos movimentos religiosos como a RCC. Mas, claro que esses territórios culturais estão mais ligados a significação do que a área, ou seja, são territórios simbólicos; mesmo porque há uma diferença essencial entre território e espaço. Desta forma, Raffestin (1993, p. 143) deixa claro que espaço e território não são similares, pois o espaço é anterior ao território; sendo assim esse autor afirma que:

O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se, apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente [...] [por exemplo, pela significação], o ator "territorializa" o espaço.

Nesse sentido, território é o domínio de fração do espaço (MONTEIRO *et al.*, 1997) e territorialidade “por sua vez, significa o conjunto de práticas desenvolvido por instituições ou grupos no sentido de controlar um dado território” (ROSENDAHL, 2002, p. 203). A religião pode ser analisada relacionando à apropriação de determinados segmentos do espaço, sendo assim, essa apropriação associa-se ao controle efetivo, legitimado por parte de instituições ou grupos. Portanto, esse apropriar-se também pode assumir uma dimensão afetiva (IDEM, 2002).

Para Rosendahl (2002, p. 203) é “nesta poderosa estratégia geográfica de controle de pessoas e coisas, ampliando muitas vezes o controle sobre territórios que a religião se estrutura enquanto instituição”. Assim sendo, a RCC segue a mesma

lógica, sendo que esta se difunde pela estrutura da ICAR arrebatando ou recuperando fiéis para essa igreja.

Ainda quanto ao conceito de território, Haesbaert (2005, p. 6774) deixa claro que:

Desde a origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica [...]. Território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional “poder político”. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação.

Quanto a isso, Lefebvre (2006, p. 465) afirma “[...] que há conflito entre a dominação e a apropriação. Este conflito se desenrola no espaço. Há espaços dominados e espaços apropriados”. Assim, o autor distingue apropriação de dominação, sendo que o segundo é um processo muito mais simbólico, carregado das marcas da vivência no ambiente, enquanto o primeiro é mais concreto, funcional, se materializa como posse e propriedade.

Considerando o exposto “é interessante observar que, enquanto ‘espaço-tempo vivido’, o território é sempre múltiplo, ‘diverso e complexo’, ao contrário do território ‘unifuncional’” (HAESBAERT, 2005, p. 6775).

Isto explica a multiplicidade territorial encontrado dentro do espaço diocesano de Castanhal, no que concerne a coexistência (ROSENDAHL, 2002) territorial de grupos da vertente tradicional com a RCC, todos pertencentes a ICAR, que possui como característica, a união de vertentes diversas, ou seja, um grande sistema simbólico retalhado por outros microssistemas que embora possuam suas manifestações rituais próprias também possuem a mesma doutrina religiosa e os mesmos dogmas oferecidos pela hierarquia da ICAR, ponto de junção entre eles.

Com isso, existe a necessidade, segundo Haesbaert (2005, p. 6776) de primeiramente diferenciar os territórios de acordo com os sujeitos que os constroem, “[...] sejam eles indivíduos, grupos sociais, o Estado, empresas, instituições como a Igreja etc. As razões do controle social pelo espaço variam conforme a sociedade ou cultura [...]”, ou com o próprio indivíduo. Assim, controla-se um território, visando “[...] afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relações [...]” (SACK, 1986, p. 21).

Portanto, pode haver dois tipos de território – quadro 1 – um de dominação (território funcional) e outro de apropriação (território simbólico), claro que o território

é, “ao mesmo tempo [...], em diferentes combinações, funcional e simbólico, pois exercemos domínio sobre o espaço tanto para realizar ‘funções’ quanto para produzir ‘significados’” (HAESBAERT, 2005, p.6776).

Dessa maneira apresentamos abaixo o quadro 1 que nos dá uma visão bem didática dessas duas dimensões da conceituação de território.

Quadro 1 – Tipos de territórios

“Território funcional”	“Território simbólico”
Processos de Dominação	Processos de Apropriação (Lefebvre)
“Territórios da desigualdade”	“Território da diferença”
Território sem territorialidade	Territorialidade sem território
Princípio da exclusividade	Princípio da multiplicidade
Território como recurso, valor de troca	Território como símbolo, valor simbólico

Fonte: Haesbaert (2005).

Podemos também ter uma noção melhor de território simbólico, quando analisamos em conformidade com Raffestin (1993), que ao usar o método relacional afirma que a exemplo do sistema linguístico, o religioso pode ser concebido como instrumento de comunicação e em sua essência, instrumento de comunhão. Assim, esse autor afirma:

Enfim, um instrumento de comunicação do sagrado que pode ser definido como uma propriedade estável ou efêmera que pertence a certas coisas (os instrumentos do culto), a certos seres (o rei, o padre), a certos espaços (o templo, a igreja, o altar), a certos tempos (o domingo, o dia de Páscoa, de Natal etc.) (RAFFESTIN, 1993, p. 120).

O território religioso como sistema de comunicação, portanto, também a territorialidade da RCC, está muito mais ligado a ideia do ser do que à função ou ao ter (HAESBAERT, 2005). Logo, A RCC é também um modo de vida, uma forma específica de comunhão com o Sagrado.

1.1 Antropia como identidade e a malha territorial da RCC

Cabe-nos salientar que ao dissertar sobre território e territorialidade objetivamos evoluir de uma visão territorial tradicional, para a identidade territorial da RCC constituída em uma malha territorial, o território imaterial do movimento.

Assim sendo, a noção de território religioso pode ser analisado através dos encaminhamentos teóricos de Sopher (1967), em que num estudo microgeográfico da

religião. Esse autor fornece modelos geográficos de interação entre sistemas religiosos, abordando o que Rosendahl (2002, p. 205), denomina de “comportamento estratégico por minorias religiosas dentro de domínios religiosos maiores e a mistura de comunidades religiosas em área de transição”.

O estudo microgeográfico da religião de Sopher (1967) é traduzido por Rosendahl (2002, p. 206) quando afirma que a territorialidade sendo “desses sistemas religiosos [que] pode advir de três tipos comportamentais”, os quais são: 1) por coexistência pacífica; 2) por instabilidade e competição; e, 3) por intolerância e exclusão.

Uma coexistência pacífica se caracteriza por um equilíbrio, acompanhado por sentimentos mútuos de respeito, indiferença ou antipatia (ROSENDAHL, 2002). “A disposição de tolerância religiosa que permeia alguns territórios permite que as pessoas tenham filiação religiosa pluralista, [...]. A tolerância religiosa permite o sincretismo razoavelmente uniforme em todo o território cultural” (IDEM, 2002, p. 206).

Ainda de acordo com essa autora nas comunidades fanaticamente exclusivistas em questões religiosas podem estabelecer uma coexistência relativamente pacífica, que leva a uma tendência auto-segregadora pela antipatia entre eles. Como exemplo, Rosendahl (2002) cita os católicos e protestantes na Irlanda do Norte em que os distritos de Belfast são exclusivamente protestantes ou católicos.

Em oposição a tendência auto-segregadora de comunidades exclusivistas, a autora defende que:

[...] a tolerância pode demonstrar uma pluralidade harmoniosa sob os auspícios do Estado secular. São subsistemas denominacionais, comuns na vida dos Estados Unidos, em que cada subsistema possui um papel institucionalizado, socialmente aceito e reconhecido pelos outros subsistemas (IDEM, 2002, p. 206).

Todavia, competição e instabilidade é o segundo tipo de interação entre sistemas religiosos, em que um dos sistemas é caracterizado pela instabilidade. Estão associados a esse tipo de interação a conversão por contato e a atividade missionária (IDEM, 2002).

O primeiro contato de um sistema religioso mais simples com outro de cunho universalizante acontece por meio dos movimentos missionários esporádicos. Num estágio mais avançado de interação, após a implantação de alguns centros de difusão, passa a existir também pontos de resistência ao sistema universalizante (IDEM, 2002).

Quanto a intolerância religiosa notamos que o “comportamento exclusivista [...], reivindicando a posse única da verdade religiosa, tem algumas vezes provocado reação hostil [...]” (IDEM, 2002, p. 207) entre sistemas religiosos.

Dentro da nossa análise a noção de território pôde ainda ser vista em conformidade com as concepções de (SOUZA, 1995, p. 87, grifo do autor) em que territórios “são no fundo antes *relações sociais projetadas no espaço*”, portanto é possível ao território,

[...] formar-se e dissolver-se, constituir-se e dissipar-se de modo relativamente rápido (ao invés de uma escala temporal de séculos ou décadas, podem ser simplesmente anos ou meses, semanas ou dias), ser antes instáveis que estáveis ou, mesmo, ter existência regular mas apenas periódica, ou seja, em alguns momentos – e isto apesar de que o substrato espacial permanece ou pode permanecer o mesmo (IDEM, 1995, p. 87).

Desta forma, podemos considerar o território não como algo concreto, isto é, espaço não é território, mas se constitui nas relações que se estabelecem no espaço. Assim, território se configura como

[...] um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre “nós” (o grupo, os membros da coletividade ou “comunidade, os insiders) e os outros” (os de fora, os estranhos, os outsiders) (IDEM, 1995, p. 86).

Considerando isto, o território da RCC foi entendido através de sua manifestação religiosa, isto é, da sua forma devocional. Portanto, pela sua alteridade em relação a outros movimentos devocionais da ICAR. Cabe salientar que qualquer leigo distingue a RCC de outro movimento católico, pois aquele representa a Renovação enquanto estes a Tradição. Deste modo, se não há Tradição não existe Renovação e vice-versa.

A identidade territorial, a pertença ao território, da RCC está intimamente ligada a esta alteridade entre Renovação e Tradição. Pois existe a “oposição identidade/ipseidade¹¹” (CARVALHO, 2000, p. 47), ou seja, para que ocorra a identificação com um grupo necessariamente esse grupo se diferencia de outro qualquer (WOODWARD, 2000). Desta forma, se não existe Renovação para que Tradição se entenda como contrária, esta se dissolve; do mesmo modo se não há Tradição, a Renovação está renovando o quê? Portanto esta também deixa de existir.

¹¹Iipseidade é o mesmo que hecceidade que no pensamento filosófico de Duns Scotus (c1265- 1308), se refere ao “caráter particular, individual, único de um ente, que o distingue de todos os outros; ecceidade, ipseidade [O termo foi recuperado no sXX (sic) pelo *heideggerianismo*.]” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1007-1008)

Em vista disso, se faz necessário afirmar que para além de apontar características multi-devocionais conectadas a uma devoção maior que unifica todas as outras, o cristocentrismo da ICAR, característica da sua territorialidade, realizamos um afinilamento conceitual em torno da categoria territorial, elemento necessário para as ações antrópicas, ou seja, para que exista Antropia. Por esse motivo, o referido afinilamento conceitual se fecha na noção de malha territorial. Destacamos que os GO da RCC se organizam em malha.

Quanto ao conceito de malha, Ingold (2012) desenvolve essa noção em contraposição a ideia de rede, pois para o autor essa última dá o entendimento de algo pronto e acabado com pontos e conexões estabelecidos. Entretanto, pensar em malha é pensar que o mundo é composto por coisas e não por objetos. Sendo assim, aquele se diferencia deste, pois segundo esse autor:

O objeto coloca-se diante de nós como um fato consumado, oferecendo para nossa inspeção suas superfícies externas e congeladas. [...]. A coisa, por sua vez, é um “acontecer”, ou melhor, um lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam. Observar uma coisa não é ser trancado do lado de fora, mas ser convidado para a reunião (IDEM, 2012, p. 29).

Dessa forma, por malha compreende-se “um emaranhado de coisas, [...] não uma rede de conexões, mas uma malha de linhas entrelaçadas de crescimento e movimento” (IDEM, 2012, p. 27). Portanto, a malha territorial é tecida como uma teia de aranha e:

Diferente das redes de comunicação, por exemplo, os fios de uma teia de aranha não conectam pontos ou ligam coisas. Eles são tecidos a partir de materiais exsudados pelo corpo da aranha, e são dispostos segundo seus movimentos. Nesse sentido, eles são extensões do próprio ser da aranha à medida que ela vai trilhando o ambiente (Ingold, 2008, p. 210-211). Eles são as linhas ao logo das quais a aranha vive, e conduzem sua percepção e ação no mundo (IDEM, 2012, p. 40).

Sendo assim, o que queremos referendar é que o território da RCC é descontínuo, formado pelos GO, que convergem pessoas e irradiam experiências luminosas que emanam do próprio movimento.

Esse testemunhar suas experiências atrai pessoas para além da comunidade onde se localiza o GO. Logo, os católicos de outras comunidades, após suas experiências também para lá levam a RCC e assim vai se tecendo a malha territorial do movimento. Entretanto, os GO são centros de convergência e irradiação da mensagem religiosa necessários para a tecitura da malha territorial da RCC (ROSENDAHL, 2002).

Diante do exposto, compreendendo que realizamos o conceituamento teórico necessário para nosso estudo. Partiremos para o histórico da RCC, essencial para o entendimento desse fenômeno no contexto macro.

2 A ICAR EM MOVIMENTO: RCC, ORIGENS E FORMAÇÃO

2.1 Pentecostalismo: uma religiosidade, duas vertentes.

Para discorrermos sobre a origem da RCC, se faz necessário e relevante falarmos sobre o Pentecostalismo, visto que, a RCC tem um caráter pentecostal e esse avivamento proporcionará o surgimento desse movimento.

Entretanto, antes do pentecostalismo que conhecemos hoje, houve no interior da ICAR, segundo Massarão (2007, p. 3),

[...] muitos movimentos de renovação baseados na crença de inspiração divina atribuída ao [...] [ES]. Designados muitas vezes como entusiasmos (termo, em grego, significando arrebatamento divino), estes movimentos podem ser definidos pelo saudosismo de uma Igreja Primitiva idealizada, numa reação diante da “decadência social e corrupta” que também atingiria as estruturas da Igreja. Os movimentos do [...] [ES] remontam aos primeiros séculos da era cristã. Um dos primeiros grupos registrados foi o dos Montanistas (século II), conhecidos por suas práticas proféticas e glossolálicas. Os Montanistas entraram em confronto com a autoridade hierárquica menos por questões dogmáticas e mais por darem aos seus profetas supremacia frente aos líderes católicos. Este conflito entre a hierarquia [...] [dos Montanistas] e a hierarquia oficial acabou na excomunhão dos Montanistas por “heresia”.

No entanto, quanto ao pentecostalismo que se firmou e conhecemos na atualidade se faz necessário apontar que este fez alusão a Pentecostes, festividade comemorada pelos cristãos 50 dias após a Páscoa em celebração à descida do Espírito Santo (ES) sobre os apóstolos (RODRIGUES, 2004).

O pentecostalismo não tem um fundador em si, mas é um movimento que se desenvolveu em grupo, conforme Rolim (1987), pentecostalismo ou pentecostismo, é uma religião protestante, que é desdobramento do protestantismo, portanto, nasceu no início do século XX. Este autor fixa a origem do movimento em 1906. Entretanto, Machado (1994), assim como Rodrigues (2004) falam de uma renovação pentecostal que surgiu em algumas igrejas do protestantismo tradicional, tanto assim que ao mencionar as origens do pentecostalismo Rodrigues (2004, p.2) afirma que o pentecostalismo:

É recente na história do cristianismo por ser um movimento que surgiu nos Estados Unidos no final do século XIX e início do século XX e que desenvolveu suas primeiras manifestações [...] [no Brasil] na década de 1910, portanto recente também em nossa história.

Quanto à renovação pentecostal o mesmo autor fala do “avivamento metodista do século XVIII nos Estados Unidos [...], o movimento de santidade (holiness) ocorrido nos países de língua inglesa, no século XIX” (RODRIGUES, 2004, p. 2). Entretanto,

Rodrigues concorda com Rolim (1987), quando menciona a formação histórica do pentecostismo. Ambos descrevem igualmente a formação histórica deste movimento e consideram:

[...] o ano de 1906 como o marco do surgimento do pentecostalismo. Esse fenômeno religioso se manifestou inicialmente nos Estados Unidos, na cidade de Los Angeles, na rua Azuzza [num templo metodista abandonado, segundo Rolim (1987)]. Foi nesse ano que um negro chamado J.W. Seymour, começou a falar em línguas estranhas [glossolalia]¹² em uma reunião de oração dirigida por um pastor batista (RODRIGUES, 2004, p. 3).

Quanto ao evento acima descrito, Rolim (1987) diz que pelo fato de um negro ter sido o primeiro a manifestar a glossolalia, a imprensa estadunidense considerou que o fenômeno era uma invasão dos costumes africanos na cultura *yankee*. Entretanto esse autor também salienta que somente quando os brancos começaram a manifestar o fenômeno de falar línguas estranhas é que passaram a ver a manifestação religiosa sem desconfiança.

Inicialmente, os pentecostais formavam uma única religião mesclada com brancos e negros, entretanto o *Black* pentecostalismo, era uma religião ligada às lutas sociais de libertação da raça negra e no pentecostalismo branco não tinha espaço para as lutas sociais; ocorre o cisma entre as duas vertentes pentecostais.

Foi importado para o Brasil o pentecostalismo branco que chega aqui em 1910 com a fundação da Congregação Cristã do Brasil, mais tarde com o título modificado para Congregação Cristã no Brasil, em São Paulo no Bairro do Brás e Assembleia de Deus, em 1911 em Belém do Pará (IDEM, 1987).

O *white* pentecostalismo também é o que influenciou a RCC, visto que, o discurso carismático, de acordo com Souza (2007), é esvaziado de elementos revolucionários. Em vista disso, tendo discorrido sobre o pentecostalismo essa

12 Há também a versão que para alguns o pentecostalismo moderno teve início em 1901, no Colégio Bíblico Betel, em Topeka, no Estado do Kansas, quando a fiel Agnes Ozman recebeu o carisma das línguas pela imposição de mãos do Pastor Charles Fox Parham. A dúvida inicialmente pairava se aquelas línguas eram línguas existentes (xenoglossia) ou desconhecidas (glossolalia) (BALMER, 2004). Já o MUR (2006, p. 12) dirá que “a chama transformadora do pentecostalismo acendeu-se pela primeira vez quando Charles Fox Parham, em 1901, disse que emitir sílabas incompreensíveis seriam um sinal de Batismo no [...] [ES]. Isso poderia não ter passado de conversa se o pregador negro William Joseph Seymour não tivesse ouvido Parham pela porta aberta de sua escola bíblica de Houston, Texas. Seymour partiu para Los Angeles onde seu próprio Batismo no [...] [ES], em 1906, lhe trouxe adeptos entusiasmados. Dois anos depois de ter fundado um culto numa Igreja abandonada, sua paróquia multicultural já mandava missionários para vinte e cinco países”. Já a despeito da versão de Balmer (2004) e do MUR (2006), Francisco Cartaxo Rolim é uma das grandes autoridades em estudos sociológicos envolvendo o pentecostalismo e fixa o marco da origem do mesmo em 1906, e não cita nem Parham muito menos Agnes, além de Rodrigues (2004) afirmar que o fato ocorrido em 1906 aos [moldes da explicação de Rolim (1987)] é o mais aceito pela maioria dos especialistas.

religiosidade de duas vertentes o *black* e o *white* pentecostalismos, resta-nos explicar sobre a origem da RCC.

2.2 RCC: o sopro do Espírito na ICAR

Tendo falado da origem do pentecostalismo, podemos nos deter sobre a origem da RCC. Dessa forma, com a reforma realizada na ICAR pelo Vaticano II e após a mudança da mística desta instituição, houve o aparecimento de pastorais variadas, assim como movimentos de caráter distintos, dentre os quais, surge a RCC como movimento pentecostal.

Assim, ela surge em meados dos anos 1960, após o Concílio Vaticano II (1962-1965). Portanto, se origina nos Estados Unidos, sendo que pouco depois de seu surgimento, esse movimento religioso após a “expansão interna norte-americana, [...] se expandiu pela Europa, Ásia e América Latina ainda nos anos 1960” (MASSARÃO, 2007, p. 5).

Deste modo, a RCC tem influência da segunda fase do pentecostalismo, que é conhecida como movimento carismático e remonta aos anos de 1940 e 1950, consolidando-se nos Estados Unidos em 1960 (GONZALEZ, 2006; LACERDA; PAPALI, 2006). Logo, quanto ao movimento carismático que se traduz na entrada do pentecostalismo nas igrejas tradicionais:

[Inicialmente,] disseminou-se entre os presbiterianos, luteranos e metodistas. Em 1967 ele alcançou a Igreja Católica com experiências carismáticas em ambientes universitários como a Universidade de Duquesne, Notre Dame, Michigan, afirmando-se no encontro ecumênico ocorrido na cidade de Kansas, em 1977 (GONZALEZ, 2006, p. 66).

Sendo assim, o “fim de semana de Duquesne”¹³ passou a ser considerado o evento fundador da RCC, do qual participaram professores e alunos católicos. Esse encontro, foi orientado por carismáticos presbiterianos e ocorreu nos dias 17 a 19 de fevereiro daquele ano (MASSARÃO, 2002; 2007; MANSFIELD, 2015; 2016).

Várias pessoas que relataram a história do que aconteceu nesse final de semana, uma delas foi, Patti Gallagher Mansfield, participantes do retiro (fim de semana de Duquesne), que se tornou referência histórica na fundação da RCC, no qual narra o acontecido da seguinte forma:

¹³O retiro espiritual fundador da RCC ficou conhecido como “fim de semana de Duquesne” pelo motivo ter sido realizado na Universidade de Duquesne, Pittsburgh, Pensilvânia, Estados Unidos (GONZALEZ, 2006).

Em 17 de fevereiro de 1967, cerca de 25 de nós partimos para a casa de retiro “A Arca e a Pomba” em Gibsonia, [Pensilvânia] PA (agora Providence Villa). Enquanto nos reuníamos para cada sessão na capela da sala superior, cantamos o hino antigo, *Veni Creator Spiritus* (Venha Espírito Criador). Na sexta-feira à noite, houve uma meditação sobre Maria, seguida de um serviço comunitário de penitência. Em João 16, lemos que quando o [...] [ES] vier, ele convencerá o mundo do pecado. Foi o que aconteceu entre nós quando o retiro começou. Houve a oportunidade do sacramento da reconciliação. Na manhã seguinte, houve uma conversa sobre Atos 2 por uma mulher daquele [...] GO interdenominacional. [...]. Fiquei intrigada e impressionada. Nas minhas anotações eu escrevi, “Jesus, seja real para mim”. (MANSFIELD, 2015, p. 42-43, tradução nossa).

No dia 18 de fevereiro daquele ano, no sábado, os jovens se reuniram na capela de *North Hill* e invocaram a manifestação do ES que foi denominada de “Batismo no ES”. Em relação a essa experiência mística, Mansfield (2015, p. 44) descreve esse momento nos seguintes termos:

Dentro da próxima hora, Deus soberanamente atraiu muitos dos estudantes para a capela. Alguns estavam rindo, outros chorando, outros (como eu) sentiram [a presença do ES, que se manifestou através de] uma sensação de queimação correndo por eles. Um dos professores entrou e exclamou: “O que o bispo vai dizer quando ouvir que todas essas crianças foram batizadas no [...] [ES]!” (O cardeal Wright era bispo de Pittsburgh na época). Ouvi o termo “batizado no Espírito”, mas ainda não fazia ideia do que isso significava. De fato, houve uma festa de aniversário naquela noite de sábado. Deus o planejou na capela da sala superior. Foi o nascimento da Renovação Carismática Católica!

Ainda quanto à fundação da RCC, Dávila (1998, p. 19), ao entrevistar o padre Eduardo Dougherty, um dos pioneiros no Brasil a conhecer e apresentar também o movimento, afirma “além dessa experiência existem diversos registros convergindo no sentido de que seu surgimento deu-se em torno também de duas universidades americanas: Nossa Senhora em South Bend e a Universidade do Estado de Michigan”.

Nos Estados Unidos a RCC se expandiu e “manteve características ecumênicas, com grupos mistos de fiéis católicos e protestantes e grande apelo através da busca pela cura divina” (MASSARÃO, 2002, p. 10), tanto que:

Um dos principais líderes da Renovação Carismática nos Estados Unidos foi o padre jesuíta Thomas Forrest que, ainda nos anos 1970, organizou grandes eventos do Movimento Carismático voltados principalmente para a cura divina: seu grupo de apoio sempre teve membros de igrejas protestantes e ainda hoje o Pe. Thomas Forrest está ligado a movimentos ecumênicos junto à Igreja Católica. (MASSARÃO, 2007, p. 5).

Quanto à expansão do Movimento Católico Pentecostal, ou Católicos Pentecostais, mais tarde chamados de RCC, Massarão destaca que, a propagação da RCC deveu-se principalmente ao trabalho realizado por leigos e religiosos engajados no movimento. Thorsen (2016, p. 214, tradução nossa) evidencia que:

A difusão da RCC nos diversos países da América Latina no início da década de 1970 seguiu um padrão: foi geralmente introduzida por padres da América do Norte, que, a convite de bispos ou padres locais interessados, organizavam retiros chamados [Seminários de] “Vida no Espírito”.

A chegada da RCC ao Brasil, ocorreu no final dos anos 1960 e começo dos anos 1970, trazida por jesuítas estadunidenses (Massarão, 2007). Quanto a isso, Dávila (1998, p. 25) especifica que em 1968, na Vila Brandina, Campinas, SP, com o padre jesuíta Haroldo Joseph Rahm “se origina um movimento que posteriormente seria identificado como a RCC. Todavia, Gonzalez (2006, p. 71) afirma:

Há informações distintas sobre o início da RCC no Brasil. Segundo o documento “Renovação Carismática, o que é?”, a Renovação chegou ao Brasil em 1972, trazida por padres jesuítas, iniciando suas atividades em São Paulo e seguidamente irradiando-se para as demais regiões brasileiras. Já segundo Dom Cipriano Chagas, o movimento chega ao Brasil em 1968, através do padre Eduardo Dougherty que a teria transmitido ao padre Haroldo Rahm.

Em entrevista concedida a Dávila (1998, p. 24), o padre Pe. Rahm fala sobre as origens da RCC no Brasil:

Naquela época eu estava dando cursos de liderança cristã (TLC), eles eram muito fortes no Brasil, lá no ano de 1966... Quando fui celebrar missa, no último dia [dos cursos], comecei a falar: “Olhem, fiquem em silêncio que o divino espírito está falando com vocês”, e notei que deu resultado. (...) Estava trabalhando com operários e eu andava na minha bicicleta, convidando os operários, dizendo: “Vocês querem rezar comigo no espírito?”. Claro que todo mundo queria. Quando chegou terça-feira às vinte horas, apareceram três, quatro, sete. Eu li a bíblia com eles, a parte do [...] [ES]. Eu lembro que estava tentando fazê-los falar. Uma noite falei: “divino espírito se você não causa algum movimento aqui, vamos pifar todos”. (...) Depois eu comecei a rezar com os universitários e depois com as freiras, e depois os sacerdotes começaram a me telefonar pedindo materiais e eu comecei a datilografar folhas sobre o [...] [ES], pois não tinha nada em português, só velhas coisas na biblioteca (...) Então os padres começaram a me convidar para dar retiros no espírito e os bispos nunca me deram problema, embora eles achassem que era uma coisa de protestantes, dos crentes. (...). O meu Movimento era chamado Encontro de Oração no [...] [ES]. Foi um pequeno grupo, que rezavam talvez com o nome de Renovação Carismática...não sei... esse nome não existia. [Haroldo Rahm em entrevista a Dávila (1998) em Campinas, SP em 27/04/1997].

Assim, o Pe. Haroldo, evidencia que o movimento de TLC que funcionou no Brasil durante a ditadura militar foi o início da RCC no Brasil (IDEM, 1998). Esses

cursos de TLC que deram origem a um movimento que mais tarde seria identificado como RCC, era nas palavras de Rahm:

Como uma *salada* na qual tentei juntar elementos da espiritualidade jesuíta, da Juventude Estudantil Católica (JEC), da Juventude Operária Católica (JOC), da [...] LM, com tudo isso, pretendia formar lideranças cristãs, durante a ditadura militar. Dos grupos formados a partir desses cursos, alguns passaram logo a ser grupos de oração no [...] [ES]. [Entrevista Haroldo Rahm, Campinas, SP em 28/04/1997] (IDEM, 1998, p. 25, grifo da autora).

Desse modo, se a primeira raiz originária da RCC no Brasil são os cursos de TLC, já a segunda raiz das origens desse movimento no país, finca-se nos Cursilhos de Cristandade, um movimento de profissionais católicos, fundado em 1949, pelo Mons. Juan Hervás. Para melhor compreensão, a TLC foi um movimento de profissionais católicos que surgiu como uma nova forma de organização dos quadros médios da liderança leiga da ICAR.

Os Cursilhos de Cristandade, trazem a proposta de uma inserção cristã incisiva no mundo do trabalho, sobretudo na estrutura social (IDEM, 1998). Segundo Comblin (1983), até 1981, o Cursilho de Cristandade proclamava ter dado 85.000 cursilhos a mais de 2.500.000 pessoas.

Nesse período embrionário da RCC, o Pe. Rahm também mantinha “contato com grupos pentecostais da região, os quais forneciam-lhe literatura sobre a experiência do *Batismo no Espírito*” (DÁVILA, 1998, p. 26, grifo da autora). Esta autora salienta ainda que tudo isso, tinha por finalidade, concretizar no Brasil a característica ecumênica que a RCC mostrava no estrangeiro.

Na origem da RCC no Brasil, entre os fundadores, encontra-se o Pe. Eduardo Dougherty, sacerdote jesuíta, também nascido nos Estados Unidos. Este padre chegou ao Brasil em 1966, retornou a América do Norte, para realizar seus estudos teológicos em Toronto, Canadá. Foi nesse período que teve sua experiência de Batismo no ES em Michigan, Estados Unidos, aderindo posteriormente, segundo ele, a RCC. Esse sacerdote retornou ao Brasil em 1969, onde passou a colaborar com o Pe. Haroldo nas atividades que realizava no Centro Kennedy, em Campinas, SP. (DÁVILA, 1998; GONZALEZ, 2006).

Como o pe. Haroldo, o pe. Eduardo tinha um espírito empreendedor, que o levou a fundar a comunidade Jesus te Ama, da Associação Senhor Jesus e o Centro de Televisão Século XXI [um dos principais canais de inspiração católica do Brasil]. Esse padre sempre teve uma relação direta com a Renovação Carismática Católica por meio de atividades missionárias de expansão do movimento pelo país e mais tarde pela utilização da mídia. Já o

percurso seguido por pe. Rahm foi mais voltado para a montagem de grupos de apoio para viciados em drogas na cidade de Campinas. Entre as iniciativas desse padre estão: a fundação da fazenda Bom Jesus, em 1978, uma comunidade terapêutica voltada para o acompanhamento de dependentes de droga e álcool e a Associação Promocional de Oração e Trabalho (APOT), que reúne instituições para criança de rua e acompanhamento de familiares de dependentes de droga (GONZALEZ, 2006, p. 72).

Considerando o exposto, temos um retrato do local de origem da RCC no Brasil e de onde a mesma se irradiou para os outros Estados da Federação. Portanto, a RCC ao se difundir pelo Brasil chega a Belém do Pará, em 1973 trazida de Mato Grosso do Sul por Dona Jurema, uma líder católica do Cursilho de Cristandade da Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré (Basílica Santuário de Nossa Senhora). Também ressaltamos que na época, houve certa resistência do pároco, antes da fundação do GO “Glória no Senhor” (MAUÉS, 1998; SOUZA, 2007).

Assim, também a RCC chegou no município de Castanhal, em 09 de maio de 1987, com a fundação do GO da RCC denominado de “Cristo Rei” na Igreja Matriz da Paróquia de mesmo nome, localizada no bairro Santa Lídia por concessão do padre Joel Lopes de Oliveira, pároco da época¹⁴. Deste modo, após apresentarmos a origem histórica da RCC partiremos para os procedimentos metodológicos que utilizaremos no estudo como parte da pesquisa de campo visando delinear os objetivos propostos para a consecução desta Dissertação.

¹⁴ Documento de fundação do GO mais antigo de Castanhal, – com cópia no Anexo B - expedido em 16 de setembro de 2019, com assinatura do atual pároco, Pe. Adriano Sousa Nogueira e a atual coordenadora do GO, Cleidiane Alves de Almeida. Por se tratar de pessoas públicas constam seus nomes originais, no entanto, quando das entrevistas os mesmos não serão identificados, pois estarão com nomes fictícios.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Tipo de abordagem e natureza da pesquisa

As pesquisas classificam-se em: “*pesquisa de campo* ou de *fonte de papel*” (ASSIS, 2009, p. 18, grifo do autor). Assim sendo, como a revisão bibliográfica constituiu uma fase do trabalho e não a pesquisa em si, da mesma forma que, não utilizamos laboratório; a análise se classifica como pesquisa de campo.

Nesta dissertação utilizamos uma abordagem qualitativa, pois:

[...] é uma pesquisa descritiva, cujas informações não são quantificáveis; [embora, possam ser quantificadas, todavia fora daquela escala de rigor matemático de uma abordagem quantitativa, por não se fazer objetivo de um trabalho qualitativo,] os dados obtidos são analisados indutivamente; a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa (IDEM, 2009, p. 20).

Por pesquisa qualitativa entendemos ainda “um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados (NEVES, 1996, p. 1).

Nossa abordagem não pretende intervir ou propor soluções para o fenômeno social estudado, bem como, nem teríamos autoridade para isso. Logo, intencionamos compreender e descrever as relações entre a RCC e hierarquia diocesana do município de Castanhal, Pará.

O presente trabalho se enquadra como uma pesquisa básica pura; pois como já mencionamos objetivamos a descrição, bem como, a compreensão do objeto de estudo.

Utilizamos entrevistas para estudar uma realidade local, que pode se diferenciar do mesmo fenômeno em outros contextos mais macro. Portanto, temos como fim para o trabalho, uma pesquisa explicativa, pois esta “registra, analisa e interpreta os fenômenos estudados, procurando identificar suas razões, seus fatores determinantes, suas causas” (ASSIS, 2009, p. 18).

3.2 *Lócus* e os sujeitos da Pesquisa

Quanto ao *lócus* da pesquisa, ocorreu na cidade de Castanhal, Sede Episcopal da Diocese de Castanhal (Santa Maria Mãe de Deus) localizada no nordeste do Estado do Pará a 68 km da capital do Estado.

Cabe destacar que a Diocese de Castanhal, é composta de 37 paróquias e uma Pró-paróquia¹⁵ distribuídas em 25 municípios, sendo que 9 delas se localizam em Castanhal. As 9 paróquias que se localizam nesse município, são as paróquias: São José, Santa Maria Mãe de Deus (Catedral), Cristo Rei, Santa Cruz, Cristo Jovem, Sant'Ana, Santa Terezinha do Menino Jesus, São João Paulo II e São Paulo VI e Santa Tereza de Calcutá, detalhadas no quadro do Apêndice D.

Em vista do exposto, as paróquias a serem pesquisadas foram as três paróquias que possuem os três GO mais antigos da cidade de Castanhal, as quais receberam junto com os grupos carismáticos nomes fictícios para garantir o sigilo da identidade dos sujeitos da pesquisa. Desta maneira, foram excluídas da pesquisa, mesmo possuindo a RCC em seu interior, seis paróquias que possuem GO mais recentes que os três primeiros da cidade.

Os entrevistados foram: o coordenador diocesano da RCC, o bispo diocesano da cidade de Castanhal, os párocos de Menino Deus, Sagrada Família e São Pedro, os nomes dessas três paróquias são fictícios por questão de sigilo dos nomes dos párocos e dos carismáticos.

O GO Menino Deus, o mais antigo da cidade se localiza na Matriz Paroquial de Menino Deus, o segundo mais antigo, Corpo Místico, está na Matriz Paroquial da Sagrada Família e o GO Jesus Misericordioso - terceiro mais antigo - se encontra na Comunidade Jesus Misericordioso pertencente a Paróquia de São Pedro.

Também adotamos nomes fictícios para os párocos, para o bispo, o atual coordenador diocesano da RCC e os nove outros leigos carismáticos entrevistados. Sendo assim, os padres foram identificados com nomes de Apóstolos, enquanto os leigos carismáticos com o de santos da ICAR, exceto Czarina Alexandra que é santa apenas na Igreja Católica Ortodoxa. Logo, sem identificar paróquias, a não ser com nomes fictícios, nem hierarquizar¹⁶ os sujeitos da pesquisa para que suas identidades sejam mantidas em sigilo, os entrevistados foram organizados de acordo com o quadro 2 abaixo.

15 Pró-paróquia se refere a uma comunidade que atua como paróquia, mas que por algum motivo ainda não foi erigida paróquia com CNPJ. Portanto, certamente pró-paróquia deve ser o mesmo que no direito canônico, cânon 516, parágrafo 1º denomina-se de quase-paróquia (CDC, 1987, n. 516).

16 O bispo está identificado com sua ordenação de 2º grau, ou seja, todo o clero é denominado de padre (Pe.), bem como, tanto o bispo quanto o coordenador diocesano da RCC não constam do topo da lista para evitar-se hierarquizá-los e manter suas identidades em sigilo.

Quadro 2 – Nomes fictícios dos sujeitos da Pesquisa

Paróquias	Párocos	GO da RCC	Católicos Carismáticos
Menino Deus	Pe. Lucas	Menino Deus	Czarina Alexandra
			Maria Madalena
			Inácio de Antióquia
Sagrada Família	Pe. João	Corpo Místico	Joana D’Arc
	Pe. André		Clemente de Roma
			Maria de Cleófas
			Agostinho de Hipona
São Pedro	Pe. Judas Tadeu	Jesus Misericordioso	Bárbara
			Catarina de Alexandria
			Clara de Assis

Fonte: Documentos e pesquisa junto a Coordenação Diocesana da RCC.

Foram entrevistadas 13 pessoas¹⁷ entre membros do clero e católicos carismáticos. Outro aspecto a destacar, é que para responder à questão e aos objetivos da pesquisa, escolhemos o membro mais antigo, o segundo mais antigo, além do mais novo de cada um dos três GO a serem investigados.

Anexamos a este trabalho, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará (CEP-ICS/UFGPA) através do Parecer Consubstanciado do CEP, número 4.059.572¹⁸.

3.3 Procedimentos e instrumentos de pesquisa

Delineamos o roteiro de entrevistas, que ocorreu através de “conversação com a finalidade de obter determinadas informações. Possibilita a coleta de dados

17 O projeto de pesquisa possuía por objetivo entrevistar 3 católicos carismáticos dos 3 GO mais antigos de Castanhal, os párocos de cada paróquia onde se localizam os GO, o bispo diocesano e o coordenador diocesano da RCC, totalizando 14 sujeitos, entretanto o Pe. Judas Tadeu da Paróquia São Pedro, onde se localiza o grupo Jesus Misericordioso, se recusou a conceder entrevista. Dessa forma, com a recusa do referido padre, a pesquisa se baseou na fala de 13 entrevistados.

18 O parecer consta no Anexo A e na época da aprovação do Projeto de pesquisa deste trabalho, este ainda possuía como título, “Tradição e Renovação: a relação de poder estabelecida entre a Renovação Carismática e a Igreja Católica de Castanhal, Pará, Amazônia”.

subjetivos, além de ampliar as possibilidades de compreensão da realidade” (IDEM, 2009, p. 29) e se faz essencial para respondermos à questão do estudo.

Produzimos uma ficha de identificação e o roteiro da entrevista – Apêndices B e C – composto de uma pergunta aberta, que foi utilizada para a obtenção de dados junto aos 13 sujeitos da pesquisa. Dito isto, frisamos que no campo utilizamos como instrumento para a coleta de dados as entrevistas. Os membros do clero foram contactados nas suas paróquias de atuação, enquanto os leigos carismáticos em suas residências.

No contato com os sujeitos da pesquisa, foi feito o convite para a entrevista, bem como a leitura do TCLE, da pergunta para a formalização do procedimento. Também, os sujeitos da pesquisa preencheram uma ficha de identificação dos perfis estudados (quadro 3), sendo que esses foram indagados com a seguinte questão geradora: **Como você vê o movimento da RCC na ICAR?**

No tocante à transcrição das gravações utilizamos o aplicativo *voicemeeter*, com a necessidade de nova audição das entrevistas para acrescentar a pontuação, os silêncios e outros barulhos. Pois esse recurso transcreve automaticamente as palavras, entretanto sem pontuação, bem como há a possibilidade de transcrição de palavras distintas das pronunciadas.

Antes de discorrermos sobre a técnica de pesquisa para a análise dos dados coletados, apresentamos o quadro 3, abaixo, referente ao perfil geral dos entrevistados.

Quadro 3 – Perfil Geral dos entrevistados

Dados extraídos das Fichas de Identificação		Frequência
Idade	20 a 30 anos	1
	31 a 40 anos	1
	41 a 50 anos	2
	51 a 60 anos	4
	61 a 70 anos	4
	Mais de 70 anos	1
Tempo de RCC	1 a 10 anos	3
	11 a 20 anos	4
	21 a 30 anos	1
	31 a 35 anos	3
Participou de coordenações de GO na RCC		7
Tempo de coordenação na RCC	1 a 2 anos	3
	3 a 4 anos	1
	5 ou mais	3
Nº de coordenações que participou na RCC	1	3
	2	3
	3 ou mais	1
Participou ou participa de Coordenação Diocesana		2
Fez parte de outra pastoral ou movimento		8
Atua em outro movimento ou pastoral		8
Não pertenceu a outro movimento antes da RCC		4
Clérigo que pertence ou pertenceu a RCC		1
Clérigos que não participam da RCC		2

Fonte: Dados extraídos das Fichas de Identificação dos Sujeitos.

Considerando o quadro acima, notamos que dos 3 padres entrevistados, um deles pertenceu por 17 anos a RCC e ainda é considerado como um padre carismático. Também verificamos que dos 11 carismáticos, 10 leigos e o clérigo que pertenceu a RCC antes da ordenação sacerdotal, apenas 4 carismáticos não pertenceram a outro movimento ou pastoral e tiveram sua primeira experiência na RCC. O quadro também nos mostra que os carismáticos são perseverantes no movimento sendo que a maioria dos entrevistados estão no movimento de 11 a 20 anos. Assim, ao apresentarmos um perfil geral dos entrevistados descrevamos agora a técnica utilizada para a análise dos dados.

3.4 Técnica de pesquisa

Como instrumental para a verificação dos dados utilizamos a Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado, elaborada por Moreira, Simões e Porto (2005). Essa verificação surge da junção de duas abordagens, quais sejam: Análise de Conteúdo, em especial a adaptação da Análise de Asserção Avaliativa (BARDIN, 2008) e a Análise Avaliativa e Análise do Fenômeno Situado (GIORGI,

1978, 1985, 1986; MARTINS; BICUDO, 1983; 1989; MARTINS; DICHTCHEKENIAN, 1984).

Consideramos que na Análise de Asserção Avaliativa busca-se identificar as atitudes dos sujeitos sobre o objeto do qual falam ao exprimirem opiniões acerca de um assunto, enquanto a Análise do Fenômeno Situado “visa a **descrição, redução e interpretação** dos dados, que resulta nas Unidades de Significado” (NASSAR, 2013, p. 84, grifo nosso).

A técnica adotada apresenta três etapas: o relato ingênuo, a identificação de atitudes e a interpretação das informações sob a forma de discursos orais e escritos, que são vistos como indicadores significativos que atuam sobre a fala.

No relato ingênuo o pesquisador deve centralizar sua preocupação no entendimento das narrativas dos sujeitos. Com os relatos em mãos, durante a segunda etapa, deve-se atentar para não perder de vista o sentido geral do que foi narrado pelos sujeitos, o que pode ser alcançado retornando-se várias vezes as transcrições das falas, para encontrar o sentido do todo, a fim de selecionar as unidades mais significativas, retirando-as dos relatos ingênuos para discussão dos dados em cena (MOREIRA; SIMÕES; PORTO, 2005; NASSAR, 2013; SIMÕES; MOURA; MOREIRA, 2016).

Após traçarmos os indicadores, estabelecemos as Unidades de Significado interpretadas nas falas dos 13 sujeitos participantes da pesquisa, sendo que os discursos foram transcritos na sua forma original, sem qualquer enquadramento linguístico ou modificações – a não ser as nomenclaturas fictícias necessárias –, o que facilitou a organização dos dados.

Apresentamos os indicadores da questão geradora, juntamente com **quadro** que consta as unidades de significado. Consequentemente, após a organização dessas, avançamos para a análise e aprofundamento dos dados.

A partir do próximo capítulo, realizamos as análises que consistiram em dois momentos: ideográfica e nomotética. Considerando que “[...] a análise ideográfica constitui-se como a interpretação do pesquisador a respeito dos discursos [...]” (NASSAR, 2013, p. 100), enquanto a análise nomotética, se detém nos pontos de convergências e divergências entre os sujeitos, baseando-se no arcabouço teórico deste estudo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Do quadro organizado com as unidades de significado, partimos para interpretação dos dados, pois segundo Moreira; Simões; Porto (2005, p. 65) consiste em “[...] compreendê-lo em sua essência, esta entendida como possibilidade de se manifestar após o desvelamento das ideologias que permeiam os discursos dos sujeitos”.

4.1 Análise Ideográfica sobre a visão do clero e carismáticos em relação a RCC na ICAR

Ao indagar os sujeitos da pesquisa a respeito de como esses veem o movimento da RCC, encontramos 4 unidades de significado, conforme observamos no quadro 4. Conseqüentemente, a partir dos indicadores ilustramos essas unidades no quadro abaixo, encontradas a partir da nossa percepção nos discursos dos entrevistados sobre o fenômeno em estudo.

Quadro 4 – Unidades de Significado da Questão Geradora – Como você vê a RCC na ICAR?

Sujeitos Unidades	Pe. João	Pe. André	Pe. Lucas	Czarina Alexandra	Maria de Cleófas	Inácio de Antioquia	Joana D'Arc	Maria de Magdala	Clemente de Roma	Agostinho de Hipona	Bárbara	Catarina de Alexandria	Clara de Assis	Frequência (F)
O movimento encanta pelos louvores, pela intimidade com Jesus, conversão de vida, o amor a Deus, a ICAR e o estudo da Bíblia.	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	12
O ES é a alma da ICAR suscitando diversos carismas.	X	X		X	X	X				X		X	X	8
O movimento atrai pessoas afastadas da ICAR.				X	X	X	X	X			X	X	X	8
A RCC é um movimento eclesial da ICAR com um carisma próprio que recorda a ação do ES nos católicos.	X	X				X		X	X					5

Fonte: Dados produzidos a partir da entrevista realizada com os sujeitos da pesquisa.

A primeira unidade de significado diz que **o movimento encanta pelos louvores, pela intimidade com Jesus, conversão de vida, o amor a Deus, a ICAR e o estudo da Bíblia**, encontrado na fala de 12 entrevistados, sendo eles o Pe. João, Pe. Lucas, Czarina Alexandra, Maria de Cléofas, Inácio de Antioquia, Joana D'Arc, Maria de Magdala, Clemente de Roma, Agostinho de Hipona, Bárbara, Catarina de Alexandria e Clara de Assis, nomes fictícios adotados neste trabalho.

Observamos na fala de Pe. João ao afirmar que a RCC “[...] é um movimento que veio [...] como fonte de carisma, como fonte de bênçãos e doações para missão da Igreja”, que a RCC encanta e atrai pessoas que se colocam a serviço da missão da ICAR.

De fato, quando percebemos incluso na unidade de significado o amor a Deus e a ICAR, esse sentimento se traduz em militância religiosa. Assim, corroborando essa ideia Maués (1998, p. 2) destaca que o leigo carismático “[...] impressiona pelo intenso engajamento nas atividades da Igreja, consumindo nisso uma parte bem considerável de seu tempo livre”.

Usamos militância religiosa como sinônimo de engajamento, pois a ICAR se classifica em três conceitos teológicos de igrejas ou dimensões da ICAR, são elas: Igreja Militante, aquela em que os membros militam pela salvação, Igreja Triunfante, a formada pela Comunhão dos santos no céu e a Igreja Padecente, a que está em estágio de purificação; constituída pelas almas do purgatório. Então, militância religiosa nesse contexto se refere aqueles que servem a ICAR terrena e não tem conotação de militância política, embora não exclua esta.

Regressando ao tema do amor a RCC e a ICAR constante na unidade de significado, Clara de Assis destaca que “[...] através do movimento que eu, eu era, eu vinha pra igreja, mas eu era só de missa, não era de missão [...]”, evidenciado que o amor a RCC se materializa em serviço a ICAR. Logo, compreendemos que ser carismático implica ter um engajamento profundo nas pastorais católicas dispendo para isso de parte de seu tempo. Como mencionou Maués (1998) corroborando com essa ideia.

Da mesma forma, Inácio de Antióquia concorda com este mesmo pensamento sobre o movimento, sendo fonte de serviço eclesial ao sustentar que “eu de alguma forma estou servindo ao Senhor através de um movimento, de um carisma que eu fui chamado e me identifiquei”.

Quanto ao engajamento da RCC nas pastorais da ICAR Francisco (1998, p. 234) destaca que uma das facetas tradicionais do movimento consiste na “aproximação e submissão [do carismático] à instituição católica através da valorização dos sacramentos [e estes são relevantes] para a experiência mística do crente”, assim esta autora embasa o entendimento presente na unidade de significado e nas entrevistas em que a militância na RCC também se dá através da inserção nos serviços pastorais da ICAR. De fato, a RCC como outros movimentos católicos se engaja nos serviços pastorais, como exemplo citamos Agostinho de Hipona que frequenta as missas e reza a oração do rosário todos os dias.

A característica da RCC, enquanto uma espiritualidade encantadora de mudança de vida e engajamento na ICAR, encontramos na fala do Pe. Lucas ao dizer que o movimento

[...] tem sido de fato um verdadeiro sopro do [...] [ES] para muita gente, que faz uma experiência de conversão e que a partir desta conversão também de caminhada na Igreja dentro da Santa [...] [ICAR] e que tem vivido um testemunho a partir [...] Da Palavra de Deus, das orações e até do apostolado que realizam [...] Para a missão da Igreja.

Por isso, de acordo com a fala de Pe. Lucas, a presença da categoria conversão de vida na unidade de significado implica uma militância na missão católica. No entanto, como divergência a essa ideia, pelo menos quanto a algo que ocorreu no início do movimento, Miranda (2013, p. 11) afirma

A [...] [RCC] ao nascer a partir de encontros tipicamente organizados por estudantes e professores universitários, contribuiu por um lado para uma certa fuga das bases tradicionais católicas, e por outro para o encontro de diferentes manifestações em torno de sua consolidação.

Contudo, não existe a possibilidade de um movimento que seja católico, fugir das bases tradicionais da ICAR como os sacramentos e a crença na comunhão dos santos, artigo do Credo Católico¹⁹. Apesar disso, parece que o autor destaca essa característica de fuga da RCC da base tradicional católica apenas no início de sua existência. Porém, essa ideia de fuga contrasta com a intensa militância que a RCC hoje possui nas pastorais da ICAR, bem como, contraria o elemento de amor a Jesus e a ICAR presentes na unidade de significado; pois não se concebe fugir de uma instituição que se ama.

¹⁹ Credo Católico consiste em um resumo ou sínteses, das crenças da ICAR. “Estas sínteses da fé chamam-se ‘profissões de fé’, pois resumem a fé que os cristãos [católicos] professam. Chamam-se ‘Credo’ em razão da primeira palavra com que normalmente começam: ‘Creio’. Denominam-se também ‘Símbolos da fé’ (CIC, 1993, n. 187).

Os elementos do louvor, intimidade com Jesus, estudos bíblicos, característica dessa primeira unidade de significado, encontramos nos discursos de Czarina Alexandra e Joana D'Arc, sendo que a primeira destaca a importância das leituras bíblicas, a alegria que se encontra nos GO ao declarar que se encanta pelos louvores:

[...] precisamos conhecer Jesus e a Renovação nos oferece isso no [...] [GO], né? Através dos estudos, da Palavra de Deus [...]. Então, é, o [...] [GO] pra mim é um pedacinho do céu, né? A gente se junta ali, os irmãos, todos pra louvar a Deus e ali há libertações, há curas, [...].

A importância da Bíblia e a relação íntima com Jesus também é destacada por Joana D'Arc ao afirmar que a RCC “[...] é um movimento da [...] [ICAR] que me fez ver a proximidade desse encontro com a pessoa de Jesus através da Palavra de Deus”.

Convergindo com essa unidade de significado que traz na sua constituição o louvor e a intimidade com o Sagrado, foi evidenciado da seguinte forma:

As diferentes técnicas corporais utilizadas na RCC, como o canto, os gestos, a dança, a glossolalia e várias outras, têm, como finalidades principais, **o louvor a Deus e a obtenção do contato íntimo com a divindade**. Como é apontado por conhecido antropólogo americano, que se especializa no estudo desse movimento católico, os carismáticos buscam a construção de um “self sagrado”, o que implica constante aproximação com o numinoso (Csordas, 1994). Ora, essa aproximação só se completa através do êxtase, quando o fiel – tendo seu corpo concebido na tradição cristã mais ampla como o “templo do [...] [ES]” – é capaz de literalmente incorporar a própria divindade, através de técnicas corporais que induzem, proporcionam e configuram o êxtase (MAUÉS, 2003, p.15, grifo nosso).

Notamos que a relação dos carismáticos com o sagrado acontece por meio de uma linguagem corporal própria, sendo que na visão de Merleau-Ponty (1999) pelo corpo que nós somos no mundo, sendo por esse que possuímos a sensação, a percepção do que nos rodeia. Por conseguinte, os membros da RCC ao se manifestar corporalmente de forma específica durante as orações, marcam sua identidade própria. Assim sendo, essa linguagem corporal identifica os carismáticos e os diferencia de outros grupos, pastorais e movimentos da ICAR (WOODWARD, 2000).

E para finalizar a análise dessa primeira unidade, como convergência com a ideia presente vemos que a RCC é um movimento encantador, e nessa ótica Libânio (1999, p. 53-55) atesta que

[...] as pessoas buscam, cada vez mais, as celebrações e encontros, embalados pelo clima carismático, pois o sagrado impõe-se por sua força de sedução [...] a força sedutora do sagrado funda-se em experiências religiosas em que o mistério do Outro exerce atração irresistível, envolvente,

encantadora, arrancando a pessoa de seu pequeno mundo e impelindo-a a uma união com esse mistério [...] o lado racional da fé cede lugar às vivências emocionais [...] em breve abundará uma literatura teológica de divulgação sobre os milagres, cura interior, batismo no [...] [ES], carisma e temas semelhantes [...] a liturgia expressa festivamente, emocionalmente, carismaticamente como lugar por excelência da vivência espiritual [...] a sobriedade da liturgia romana sendo substituída pela criatividade carismática.

Assim, Libânio (1999) assegura a capacidade da RCC de realizar um *link* com o sagrado em que esse encanta e seduz, torna o movimento encantador. Entretanto, deve-se ressaltar pelo menos em parte a substituição da liturgia romana, pois a missa em si, centro do ofício divino, ainda obedece a uma única liturgia que é reconhecida pelos carismáticos, que manifestam seus carismas nos GO e vivem a liturgia tradicional das celebrações eucarísticas.

Desse modo, na fala de 12 entrevistados extraímos indicadores que apontam a RCC como um movimento que encanta pelos louvores, pela intimidade com Jesus, a conversão de vida, o amor a Deus e a ICAR e o estudo da Bíblia.

Quanto à segunda unidade de significado diz que **o ES é a alma da ICAR suscitando diversos carismas**, encontrada na fala de 8 entrevistados, sendo os sujeitos (Pe. João, Pe. André, Czarina Alexandra, Maria de Cleófas, Inácio de Antióquia, Agostinho de Hipona, Catarina de Alexandria e Clara de Assis).

Pe. João, ao afirmar que o “[...] [ES] é a alma da Igreja [...], [destaca a RCC como] [...] um movimento que veio para colocar muito mais em evidência a ação santificadora, [...] do [...] [ES]”, salientando a importância desse como aquele que suscita diversos carismas, colocando em evidência a ação do ES por meio do pentecostalismo católico, como afirmou Clemente de Roma: “[...] a Renovação, ela evangeliza a partir da cultura de Pentecostes²⁰ [...]”.

Corroborando a ideia da RCC como aquela que suscita carismas, mas de certa forma contrastando o entendimento de que o ES é a alma da ICAR; ou pelo menos afirmando que essa teria esquecido de sua alma, Rosa (2017, p. 14) garante que “[...]”

²⁰ Cultura de pentecostes se refere a atualização do pentecostes para os dias atuais, isto é, a realização do Novo Pentecoste que consiste no fenômeno que ocorreu com os apóstolos na antiga Festa Judaica de Pentecostes se repetir com católicos da atualidade, como bem relatou Mansfield (2016) o início dessas experiências pneumáticas com jovens estudantes estadunidenses. Esses jovens foram os pioneiros no movimento que se tornou a RCC.

a [...] [ICAR] esqueceu-se do [...] [ES]. Para a maioria dos católicos o [...] [ES] é um grande desconhecido, [...].”

Discordamos dessa última afirmativa desse autor, pois se o ES fosse um grande desconhecido da maioria dos católicos não celebraríamos a solenidade de Pentecostes, não acreditaríamos na transubstanciação da eucaristia, não haveria sentido na celebração do Batismo e do Crisma, bem como não existiria a tradição do corpo como templo do ES, segundo a tradição bíblica.

Considerando que os sete sacramentos datam do Concílio de Trento, pois até então não havia número de sacramentos definidos. Quanto a isso, importante salientar que Pe. João destacou o papel da RCC de colocar o ES mais em evidência, todavia ele também afirma:

[...] o [...] [ES] não é um, um desconhecido da Igreja, está presente, agente na ação da Igreja [através dos sacramentos], [a RCC é um] movimento para recordar essa atuação admirável do Espírito em todos nós, na instituição como fonte de carisma, [...].

Então, o ES não é um desconhecido dos católicos, mas para aqueles que não participam do movimento, talvez as manifestações dos carismas tenham ficado de lado, conforme a ICAR se institucionalizou. Quanto a isso Pe. André afirma:

Desde os primeiros séculos da Igreja os Santos Padres e tudo falaram e entenderam, vão dizer experiências carismáticas profundas non? Depois com, ao longo dos séculos o que foi que aconteceu que a Igreja talvez olhou mais a questão institucional e esqueceu um pouquinho [...], a dimensão carismática. O Concílio Vaticano II, ele veio dando, é, dando um enfoque bonito a dimensão do Espírito.

Assim, o Vaticano II resgata o enfoque na Pessoa do ES. Dito isso, destacamos que a RCC como aquela que suscita carismas presente na unidade de significado é descrito de forma clara na fala de Agostinho de Hipona ao expressar que vê: “[...] a RCC na Igreja como um reavivar, uma chama do fogo do [...] [ES]. Suscitado pelo próprio [...] [ES]. Para vivermos os dons do [...] [ES]”, ratificando a ideia de um Novo Pentecostes como escreve uma das fundadoras, Mansfield (2016).

Em virtude dos fatos mencionados, extraímos da entrevista de 8 sujeitos indicadores que formaram a unidade de significado que assinala o ES sendo a alma da ICAR suscitando diversos carismas.

Em consonância com a compreensão que a RCC representa um avivamento pentecostal Gonzalez (2006, p. 87) destaca o apoio do pontificado de João Paulo II

“[...] ao reavivamento da figura do [...] [ES] na Igreja, que ganha ênfase na RCC, passando este a ser o elemento teológico primordial do movimento [da RCC].”

Queremos ainda evidenciar que, embora a unidade de significado aponte a RCC como aquela que suscita carismas, encontramos nas falas dos entrevistados a menção às formações. Freire (2018) ao discorrer sobre vocação e formação católica e destacar em seus estudos a atuação dos carismáticos como sendo protagonistas na recuperação de território católico ou diminuição na perda desse, esse autor discorre sobre o intenso trabalho de evangelização da RCC, bem como a promoção de cursos de formação de evangelistas para os fiéis, além de releitura e resgate da tradição do catolicismo.

Percebemos que a RCC não se liga apenas a dimensão do místico, mas proporciona uma formação para seus membros, assim como aparece nas falas da Czarina Alexandra e Clara de Assis.

Lembro ainda que na técnica de Moreira; Simões; Porto (2005) se faz importante as impressões do pesquisador. Concordamos com a relevância das formações, haja vista que é no estudo da Tradição Católica que todos os movimentos da ICAR encontram seu ponto de unidade, além do que os grupos são células conectadas a um todo.

Quanto às nossas impressões em relação a análise do que se encontra por traz dos discursos, se não nas fraturas, mas nas fissuras que o mesmo possa deixar transparecer, colocaremos uma opinião mais geral adiante quando discorrermos sobre a quarta unidade desse quadro 4; mesmo porque temos que interpretar as unidades à luz da questão de pesquisa e dos objetivos. Dito isto, passemos para a próxima unidade.

A terceira unidade de significado diz que **o movimento atrai pessoas afastadas da ICAR**, encontrada na fala de 8 entrevistados (Czarina Alexandra, Maria de Cleófas, Inácio de Antióquia, Joana D’arc, Maria de Magdala, Bárbara, Catarina de Alexandria e Clara de Assis).

Esse fator da RCC ter essa facilidade em atrair pessoas afastadas da ICAR encontramos na afirmação de Maria de Magdala ao dizer:

[...] eu vejo o movimento dentro da [...] [ICAR], um movimento que, [...], traz muitas pessoas que não conhece a [...] [ICAR] pra dentro da Igreja, muitas pessoas começam, é, frequentar o [...] [GO], é, sem conhecer a [...] [ICAR] e a partir do momento que ela, ela persevera no [...] [GO], ela procura conhecer a Igreja que foi o meu caso, né?

Também Maria de Cleófas afirma: “[...] estou aqui dentro [...] da Igreja por causa da Renovação, [...]”, vemos que esta afirmação condiz com a ideia da RCC como um centro de convergência e irradiação da fé católica (ROSENDHAL, 2002). Convergindo com essa unidade de significado que põe os carismáticos como aqueles que atraem católicos afastados, identificamos a ideia de Jesus (2013, p. 119) ao asseverar que o “catolicismo no Brasil ganhou fôlego com a chegada da RCC. O Movimento apostou na capacidade de atrair fiéis pela quantidade em suas atividades”.

Corroborando com essa ideia, Silva (2006, p. 94, **grifo nosso**) da mesma forma aponta essa capacidade da RCC em atrair católicos afastados, ao afirmar que os “bispos brasileiros, mesmo os mais contrários ao movimento carismático, não queriam se indispor com a RCC, pois essa, além de estar, [...], **trazendo de volta as ‘ovelhas perdidas’**, tinha total apoio do Vaticano”, fato esse que provavelmente trouxe o aumento e expansão do movimento no mundo.

Em vista disso, percebemos que a RCC atrai católicos que se encontravam afastados da ICAR, assim como, converge para si, fiéis que frequentavam as missas, mas não tinham uma militância junto a ICAR, como se nota na afirmação da Clara de Assis: “[...] eu era só de missa, não era de missão [...]”.

Concordamos com as ideias constantes da presente unidade, visto que ampla literatura como já discutido anteriormente, corrobora os GO da RCC como esses centros de convergência e irradiação de seu carisma; no que ao mesmo tempo que irradiam a mensagem de fé, convergem mais pessoas ainda atraídas pela irradiação anterior. Exposto isso passemos a quarta unidade.

A quarta unidade de significado diz que **a RCC é um movimento eclesial da ICAR com um carisma próprio que recorda a ação do ES nos católicos**, encontrada na fala de 5 entrevistados (Pe. João, Pe. André, Inácio de Antióquia, Maria de Magdala e Clemente de Roma).

Nessa unidade de significado compreendemos que a espiritualidade carismática foi suscitada pelo ES como um impulso para a ICAR reavivar a importância do ES na vida dos católicos. Dessa forma, Pe. André destaca que a RCC é obra da Providência Divina ao dizer que o

[...] Movimento da [...] [RCC] é um dos muitos movimentos da Igreja, [...], temos que lembrar que o [...] [ES], Ele age na história do mundo e da Igreja

suscitando diversos carismas, entre os diversos carismas da Igreja tem também o da [...] [RCC].

Quanto à RCC como movimento que evidencia a importância do ES na atuação da ICAR, Pe. João destaca a RCC como “um movimento eclesial, por isso da Igreja que tem uma espiritualidade bem peculiar de um resgate da ação da presença do [...] [ES] [nos católicos] [...]. Portanto, [...], um [...] movimento para recordar essa atuação admirável do Espírito em todos nós”.

De fato, a RCC rememora a relevância do ES para a vida dos católicos, pois é um movimento que vive a cultura de Pentecostes, por isso considerado como pentecostal que surge na segunda fase do pentecostalismo e que reafirma o Pentecostes nos dias atuais.

O movimento carismático traz um fato marcante, ou seja, muitos daqueles que não conseguiram seguir, obedecer a hierarquia da ICAR, esses fundaram suas próprias denominações, como aconteceu por exemplo, com o surgimento de várias igrejas ditas pentecostais como, a Quadrangular, a Brasil Para Cristo, assim como para além das referidas igrejas, os carismáticos também se tornaram movimentos transversais no interior de igrejas tradicionais como ocorreu dentro da Batista, Luterana, Presbiteriana e a ICAR, entre outras. Esse movimento ao adentrar nas denominações tradicionais assume a categoria renovada ou renovação, por exemplo, Igreja Batista Renovada, RCC.

Regressando à discussão em que essa unidade de significado evidencia a RCC como movimento eclesial, Mariz (2003), traz uma discussão interessante, afirmando que a RCC é uma igreja dentro de outra igreja. Porém, o mais relevante é a discussão que a autora realiza sobre as divergências entre a concepção dos carismáticos ser um movimento eclesial e a fala de algumas lideranças que colocam o movimento como uma espiritualidade para toda a ICAR.

Quanto ao nosso posicionamento, cremos a RCC ser um movimento eclesial que por sua popularidade talvez possa influenciar a manifestação de outros grupos católicos. Entretanto, se torna difícil para os carismáticos se fazerem uma espiritualidade para toda a ICAR, visto que, o território desta igreja desde a sua origem se constituiu em juntar culturas, como ocorreu na junção do judaico-cristianismo a cultura greco-romana. Com isso, a ICAR passa a ter por característica, a organização

territorial diversificada; em que se junta grupos diferentes em uma única malha territorial.

Retornando á discussão da autora, esta apresenta a declaração do ex-presidente do Conselho Nacional da RCC no Brasil, citado por Miranda (1999, p. 52) em que afirma: "nós da Renovação nem nos consideramos um movimento leigo a mais da Igreja [...] nós nos consideramos e queremos ser a própria [...] [ICAR] em renovação". Também, Mariz (2003, p. 19) destaca que

Charles Whitehead, que na época da entrevista era presidente do National Service Committee (Comitê Nacional de Serviço) da RCC na Inglaterra, se queixa da concepção da Renovação como movimento. Quando questionado sobre como gostaria de ver a RCC nos próximos dez anos, afirma que gostaria que ela estivesse mais presente em toda a vida da Igreja, seja nas paróquias, dioceses, seminários.

A RCC se tornou um movimento da ICAR pelo motivo de isso se fazer necessário para a sobrevivência do pentecostalismo dentro do catolicismo como entidade católica e para a sobrevivência dos carismas já existentes no catolicismo, que ao mesmo tempo que se assemelha ao pentecostalismo protestante, também se diferencia deles para assumir uma identidade católica (WOODWARD, 2000; Mariz, 2003).

Considerando a sobrevivência dos dons carismáticos Weber (2005) evidencia que todo carisma passa por uma rotinização ou burocratização para que o dom não morra com aquele que o possui, mas passe a frente para outros sucessores. Por isso, para sua sobrevivência, todo poder carismático se converte em uma forma de poder tradicional. Portanto, foi esse caminho que a RCC trilhou para a sobrevivência do pentecostalismo no seio do catolicismo.

Claro que tudo o que foi discorrido acima é as origens históricas da RCC como movimento católico, todavia, sua inspiração, ou a própria constituição do movimento, bem como atesta a fala do clero e dos carismáticos; a RCC é expressão do que aconteceu com os Apóstolos em Pentecostes, o movimento atualiza, rememora o pentecostes entre nós católicos. Consequentemente, por atualizar não se entenda adaptar uma religiosidade aos tempos modernos, mas torná-la presente no hoje.

Por fim, retornando a discussão relacionada a Mariz (2003) e Weber (2005) não queremos discutir o conceito de poder, mas salientar que em suas entrevistas os carismáticos se entendem como movimento. Dessa forma, não percebemos em suas

manifestações verbais, algo que desse a entender que os mesmos queiram impor seus carismas a toda a ICAR. Em vista disso, embora Inácio de Antióquia afirme:

Algumas pessoas dizem assim, ah, a [...] [RCC] está em comunhão com a Igreja, a gente costuma dizer, eu costumo dizer que nós somos Igreja, o Movimento [...] [RCC], ele é a [...] [ICAR], tá? Então essa forma que eu vejo, eu de alguma forma estou servindo ao Senhor através de um movimento de um Carisma que eu fui chamado e me identifiquei.

Percebemos que o entrevistado ao dizer que a RCC é a ICAR, ele está se referindo a um sentimento de pertença a instituição que o movimento se liga e não que a ICAR deve se tornar a RCC, tanto assim que ele mais adiante afirma: “[...], o Movimento [...] [da RCC] é mais um movimento, assim como as pastorais também, que atuam dentro da [...] [ICAR], [...]”. Logo, para o entrevistado os carismáticos formam um movimento como os outros e não uma espiritualidade que se imponha aos demais grupos.

Diante do exposto, extraímos da entrevista de 5 sujeitos, indicadores que formaram a unidade de significado que ressalta a RCC como um movimento eclesial da ICAR com um carisma próprio que recorda a ação do ES nos católicos praticantes.

Outro aspecto a destacar, sobretudo nesse questionamento que visou saber como a RCC é vista na ICAR, principalmente em relação aos carismáticos ou ao Pe. Lucas que pertenceu a LM, ao Apostolado da Oração, mas sobretudo teve uma participação profunda na RCC antes de sua ordenação sacerdotal ressalta que houve uma mudança nas vidas dessas pessoas, considerada para melhor. Então, houve uma mudança na Antropia religiosa delas. Consequente, como mencionado na introdução e no capítulo do referencial teórico, quanto ao conceito de Antropia, se entende a relação com o território. Possuímos território ou territórios interiores (FERNANDES; RAMOS, 2020; FOUCAULT, 2013).

Quanto aos nossos territórios ou heterotopias internas, literalmente outros espaços, Foucault (2013, p. 114-115) afirma que:

[Vivemos] em um espaço que é todo carregado de qualidades, um espaço que é talvez também assombrado por fantasmas. O espaço de nossa percepção primeira, o de nossos devaneios, o de nossas paixões, detém em si qualidades que são como intrínsecas; é um espaço leve, etéreo, transparente ou, então, é um espaço obscuro, caótico, saturado: é um espaço do alto, um espaço dos cimos ou é, ao contrário, um espaço de baixo, um espaço da lama; é um espaço que pode ser corrente como a água viva; é um espaço que pode ser fixado, imobilizado como a pedra ou como o cristal.

Na afirmação acima o autor está se referindo “sobretudo, ao espaço do dentro” (IDEM, 2013, p. 115), ou seja, a nossa heterotopia interior. Assim sendo, a relação com o Sagrado também passa por uma relação antrópica, pois como afirma Alves (1984, p. 60) “demônios e deuses não podem ser invocados para explicar coisa alguma”, contudo há sempre um profeta, sacerdote, pajé ou qualquer outra liderança que exerce o papel de *Pontifex* (pontífice), ponte entre a comunidade e Deus.

É o profeta que nos traz a mensagem divina e por meio dele o Sagrado aplaina as colinas e altera o nosso território interior. Por isso uma Antropia religiosa, perpassa uma relação antrópica, homens e mulheres são protagonistas, instrumentos para a manifestação da Potência do Sagrado (BELLO, 2018). Portanto, os carismáticos demonstram em sua fala uma alteração para melhor de suas heterotopias.

Relevante evidenciar que para Foucault (2013) heterotopias são utopias efetivamente realizadas, são alocações reais que são representadas, contestadas e invertidas nos seus espaços heterotópicos. Por conseguinte, as heterotopias são lugares que estão fora de todos os lugares, embora sejam localizáveis. O autor destaca que entre a utopias e a heterotopias existem “uma espécie de experiência mista, conjugada, que seria o espelho” (IDEM, 2013, p. 116), isto é, no espelho o ser se confronta consigo mesmo. Quanto ao espelho que é utopia e heterotopia ao mesmo tempo o autor argumenta que

O espelho, afinal de contas, é uma utopia, pois é um lugar sem lugar. No espelho, eu me vejo onde não estou, em um espaço irreal que se abre virtualmente atrás da superfície; estou ali onde não estou; uma espécie de sombra que me confere minha própria visibilidade, que me permite olhar-me ali onde sou ausente: utopia do espelho. Mas é igualmente uma heterotopia, na medida em que o espelho existe realmente e tem, no local que eu ocupo, uma espécie de efeito de retorno (IDEM, 2013, p. 116)

Diante disso a religião, ou nossa Antropia religiosa não deixa de ser uma heterotopia do espelho, pois como afirma Alves (1984, p. 51):

[...] a linguagem religiosa é um espelho em que se reflete aquilo que mais amamos, nossa própria essência. O que a religião afirma é a divindade do homem, o caráter sagrado dos seus valores, o absoluto do seu corpo, a bondade de viver, comer, ouvir, cheirar, ver...

Portanto, as religiões são espaços localizáveis, existentes. E nesses espaços como que em frente a um espelho nos confrontamos com um outro nós. Diante de nós se põe algo mais puro, mais bom, alguém que almejamos ser, mais ainda não somos, assim como somos limitados na nossa capacidade de ser este outro que almejamos

ser. E assim só podemos caminhar a ser este outro, com o auxílio do Outro de quem discorre Bello (2018), a minha relação com esse Outro, a centelha de Sagrado que nos habita nos impulsiona para a transcendência em busca do infinito que habita a nossa finitude.

E nesse sentido percebemos nas falas dos membros da RCC como que o desejo de qualquer pessoa que vive uma espiritualidade, que eles buscam o Sagrado e a Potência que se traduz como manifestação da relação deles com esse sacro, o qual proporciona que trilhem mudanças que para eles foram ou são muito importantes.

E nesse momento fazemos nossas impressões quanto a RCC ser um movimento eclesial da ICAR com um carisma próprio que recorda a ação do ES nos católicos. Por isso, procuramos aqui as fissuras do que podemos extrair do que está por trás dos discursos referentes a nossa interpretação das falas do clero e dos carismáticos. Percebemos um alinhamento tanto no que o clero diocesano de Castanhal deseja da RCC, como também as falas dos carismáticos em corresponder a esses desejos.

Primeiramente, nossa percepção própria quanto a esta unidade vem associada a interpretação do Documento 53 (CNBB, 53, 1994) relacionado as falas dos sujeitos e a toda a bibliografia citada anterior e posteriormente. Portanto aqui, se encontrará o cerne do que interpretamos nessa pesquisa. Queremos salientar que todos os nossos outros, denominados pareceres nossos, orbitam em torno do que argumentaremos a seguir.

Logo, percebemos que há uma enorme consonância entre as falas do clero e dos carismáticos. Entretanto, cabe questionar; o porquê dessa convergência. O que podemos extrair disso, se não em uma fratura dos discursos, mas pelo menos em uma fissura dos mesmos. Assim, queremos dizer que se a RCC um dia se pretendeu ser uma Espiritualidade para toda a ICAR, isso não poderia ocorrer na América Latina que já possui a Teologia da Libertação (TL) como inspiração para a ação pastoral²¹ da ICAR na América Latina. Ou seja, o próprio Documento 53 (CNBB, 53, 1994) traz claramente que a ICAR se empenha na opção preferencial pelos pobres, ou seja, a ICAR latino-americana quer impor uma teologia própria a RCC.

²¹ Pastoral é "relativo a ou próprio de pastor ('guia'), esp. de bispo <entidade p.> [atividades da paróquia]" (HOUAIS; VILLAR, p. 1444).

E dentro desse jogo forças o que ocorre? Quem ganha? Podemos responder a isso da seguinte forma. A ICAR latino-americana é como uma marreta que procura “achatar” a RCC. Essa, porém não reage e nem se enfrenta com a tal marreta, mas é puxada para dentro dela pelo gancho que é o apoio recebido pelo Vaticano.

Assim, enquanto a RCC se deixa alterar, ela também altera e se configura, assim como é transmutada em célula como movimento reconhecido e mais uma vez os carismas ligados ao místico são enclausurados em movimento; como ocorria com os fenômenos místicos nos Conventos, a exemplo da grande mística Teresa D’Ávila e São João da Cruz. Dessa forma, a Igreja se mantém com sua característica principal de manter um rito quase que inalterável para a segurança da tradição.

Destacamos que a RCC é renovação com roupagem de tradição. Assim sendo, a técnica de pesquisa adotada propõe que se faça uma Análise Nomotética sobre a visão do clero e carismáticos em relação a RCC na ICAR.

4.2 Análise Nomotética sobre a visão do clero e carismáticos em relação a RCC na ICAR

Nessa fase da pesquisa, de acordo com Moreira; Simões; Porto (2005) é necessário buscar sem a preocupação de generalizações, os pontos de convergência e divergência entre as ideias dos entrevistados, baseando-se sobretudo no conhecimento científico.

Uma das convergências entre as falas dos sujeitos da pesquisa, se trata de que **o movimento encanta pelos louvores, pela intimidade com Jesus, conversão de vida, o amor a Deus e a ICAR e o estudo da Bíblia**, mostrando a força que a RCC tem junto aos católicos.

Segundo Miranda (1999), a RCC desde os anos 1970 possui no Brasil, como orientação utópica, voltar às origens do cristianismo, ou seja, promover um Novo Pentecostes. Esse retorno às origens se dá por meio da exacerbação das emoções por meio da efusão do ES, dos cânticos, louvores, testemunhos públicos de fé e tendo a Bíblia como sua referência religiosa e mais recentemente também política, segundo a autora.

Desse modo, na sua atuação inicial, esse movimento já possuía a capacidade de encantar por intermédio do estudo da bíblia, de cânticos, louvores e manifestação dos carismas que acentua para eles sua relação com o sagrado, convergindo com

essa primeira unidade de significado. A conversão de vida e a intimidade com Deus são características da RCC. Assim sendo, a intimidade com o sagrado exige mudanças no comportamento. Referente a conversão como enfoque próprio da RCC Jesus (2012, p. 108) frisa que:

Na medida do encantamento de cada um a experiência com os modelos de pregação que a RCC oferece ajuda para o fiel seguidor retornar ao seio católico. Sua identificação com a RCC passa pelo desejo de uma vida mais santa, ligada aos moldes do Movimento Carismático e, por isso, anseia pela conversão.

Dessa maneira, conforme Jesus (2013), os problemas são esquecidos quando as pessoas se encontram no GO em que as reuniões são conduzidas por um carismático preparado para promover o bem-estar dos participantes. Consequentemente, aquele que lidera o GO tem o poder de levar as pessoas ao louvor, ao canto, e a oração em alta voz. Ou seja, elas no GO compartilham testemunho de sua conversão e ocorre, segundo o autor, uma avalanche de subjetividade que traz conforto momentâneo, embora, o carismático talvez discorde e sinta alívio progressivo e constante. Logo, a RCC com a sua forma de rezar e manifestar seus carismas consegue atrair muitas pessoas para dentro do movimento.

Miranda (2013) apresenta uma divergência em relação a ideia de amor a ICAR presente na unidade de significado, pois afirma que o movimento por surgir em reuniões organizadas por professores e alunos universitários contribuiu para a fuga por parte dos carismáticos das bases tradicionais católicas. No entanto, a referida fuga diverge em muito dos discursos dos entrevistados, visto que, se afirmou quanto ao amor a ICAR ou que se passou a conhecer a Doutrina Católica após integrar a RCC, pois colocou-se em evidência a importância das formações promovidas pelo movimento.

Talvez, o autor, mencione que a RCC em sua origem fugia da base tradicional da ICAR pelo motivo da mesma ter sua gênese em um evento ecumênico. De fato, conforme Massarão (2007), os carismáticos mantêm características ecumênicas nos Estados Unidos. Apesar disso, ao chegar ao Brasil, o movimento perde essa individualidade de reuniões mistas entre católicos e evangélicos, segundo a autora, talvez pela pouca tradição protestante no Brasil.

Cabe ressaltar que os carismáticos procuraram obter reconhecimento da ICAR, tanto assim, que Jurkevics (2004) destaca que o movimento foi denominado como

pentecostalismo católico e aos poucos passou a ser denominado de RCC, fugindo do estigma que marcava os pentecostais, como evangélicos que não pertenciam as igrejas protestantes históricas. Essa autora também traz a informação que a mudança de nomenclatura não se tratou...

[...] apenas de uma substituição semântica, mas da necessidade de reforçar a identidade católica do movimento, combatendo as associações que o senso comum começou a estabelecer entre eles e os pentecostais evangélicos, pois as orações em louvor, as orações contemplativas e as de cura, muitas vezes seguidas de testemunhos de “graças” recebidas e discursos inflamados, e de cantos emotivos e festivos, diferenciava os carismáticos de outros grupos da [...] [ICAR], ao mesmo tempo que os aproximava dos evangélicos. Assim, buscando reforçar sua catolicidade, os carismáticos passaram a valorizar, também, elementos tradicionais do catolicismo, além de enfatizar as práticas sacramentais e a adesão incondicional ao Papa (IDEM, 2004, p. 124)

Portanto, embora a RCC possua semelhanças com o pentecostalismo evangélico, esse movimento se tornou genuinamente católico e é muito provável que se entenda como diferente dos evangélicos.

Uma segunda convergência entre as ideias dos entrevistados frisa que **o ES é a alma da ICAR suscitando diversos carismas**, proporcionando o entendimento que a RCC surgiu por inspiração da Providência Divina com seu carisma próprio, assim como tantos outros movimentos da ICAR.

Rosa (2017) alega que na contemporaneidade, especialmente no contexto do pós Concílio Vaticano II existe um consenso entre os teólogos que a ICAR esqueceu-se do ES, tornando-o um desconhecido para a maioria dos católicos; sua invocação sendo reduzida ao credo no “creio no ES” e ao sinal da cruz: em nome do Pai, do Filho e do ES”. O autor não nega a ação do Espírito na vida da ICAR destacando que:

A história prova a perenidade dos carismas na [...] [ICAR], pois uma Igreja sem carismas não é mais a Igreja do [...] [ES] e, portanto, nem a Igreja de Cristo. Entretanto, alguns carismas, como as línguas e a profecia, aos poucos cessaram como fenômeno comunitário, tornando-se um privilégio de poucas pessoas (ROSA, 2017, p. 14-15).

Assim sendo, este autor destaca que embora o ES tenha constantemente agido na vida da ICAR, a mesma, a exemplo do que afirmou Pe. André, olhou mais a questão institucional em detrimento a dimensão carismática.

O autor também aponta os motivos do esquecimento quanto ao ES. Primeiramente, a união do cristianismo com o Império romano e a consequente institucionalização da ICAR, pois esta passa a se modelar sobre a estrutura do Império

deixando de lado os carismas. Logo, os carismas deixam de ser elementos essenciais da comunidade e passam a ser vistos como manifestações privadas.

Rosa (2017) também evidencia que exércitos e nações inteiras se converteram ao cristianismo apenas pelo motivo do rei ter se tornado cristão, proporcionando que as pessoas fossem batizadas e crismadas na mais absoluta ignorância e à medida que a ICAR se romaniza, perde-se a consciência e o entusiasmo carismático das origens. Por consequência, acentua-se o distanciamento entre Igreja hierárquica e fiéis até o momento em que somente padres e bispos são denominados de religiosos, enquanto que os outros são chamados de leigos ou seculares.

De parecer nosso, concordamos com o autor, pois Staccone (1991) destaca que Gramsci ao discorrer sobre os fundamentos da sociedade europeia feudal, afirma que ela está assentada sobre a ordem beneditina. Assim, a Europa se dividiu em castas e em termos de religião quem não pertencesse ao clero seria chamado de leigo como bem destacou Russuel (1969).

Outra questão levantada pelo autor foi que nos primeiros séculos a ICAR desenvolveu uma excelente cristologia por razão dos ataques heréticos a pessoa de Jesus, em contrapartida como não houve grandes ataques ao ES não se desenvolveu um entendimento adequado quanto à pessoa e à missão do ES. Também, a eclesiologia desenvolvida durante a Idade Média é apontada como fator de secundarização do ES. Quanto a isso Rosa (2017, p. 16) afirma:

Da mesma forma, na eclesiologia nascida na Idade Média e triunfante no Concílio de Trento não há lugar para o [...] [ES]. Prevaleceu o esquema: Deus – Cristo – Igreja. Neste esquema, Deus revela-se por Cristo e Cristo dá-se a conhecer pela Igreja, isto é, pela hierarquia da [...] [ICAR]. O [...] [ES], nesta eclesiologia, está presente apenas como auxiliar da hierarquia para facilitar a comunicação de Cristo. É o cristomonismo também na eclesiologia. A Igreja basta para fazer a ligação entre os cristãos e Cristo.

O autor ressalta ainda que, da Idade Média até o Concílio de Trento, a ligação entre ICAR e ES estreitaram-se de forma que ambos foram reduzidos à mesma realidade, como constatado “[...] no clássico pensamento de Santo Irineu, que reza: ‘onde está a Igreja, aí está também o Espírito de Deus; e onde está o Espírito de Deus, ali está também a Igreja’. Assim, o [...] [ES] ficou restrito à Igreja enquanto instituição” (IDEM, 2017, p. 16). Da mesma forma, o autor argumenta que o surgimento de movimentos carismáticos rebeldes como o do montanismo no século II são elencados como motivos da resistência da ICAR aos carismas.

Com a desconfiança do clero em relação aos carismas, estes foram sendo considerados manifestações destinadas somente aos mais santos (IDEM, 2017). Não obstante, com o surgimento e o reconhecimento da RCC como movimento da ICAR a resistência aos carismas diminuiu.

É relevante ressaltar que segundo o historiador pentecostal Synan (2009, p. 293) “a [...] [RCC] foi, sem dúvida, uma das vertentes mais importantes do movimento carismático do século XX. Também o que apresentou um dos crescimentos mais surpreendentes”.

Convergemos com a ideia do autor, pois de fato a liturgia romana assumiu importância e foi imposta, principalmente após a contrarreforma em que a ICAR mudou sua denominação de Igreja Católica Apostólica (ICA) para ICAR. Portanto, ao assumir o termo Romana em sua nomenclatura, como Market a ICAR queria se dizer a primeira, a original, aquela que se diferencia dos protestantes nascentes.

Como ponto negativo a isso a ICAR impôs a todas as dioceses o rito romano, bem como fez seus clérigos vestirem aquela indumentaria talar da nobreza romana, chamada de batina²², assim como dissolveu as características das liturgias e indumentárias locais, como exemplo, citamos o fim da liturgia Ibérica (Espanha e Portugal). Logo, unido a isso os carismas foram enclausurados nos conventos.

Embora Rosa (2017) pareça divergir da ideia do ES como alma da ICAR, visto que, elenca várias situações que remetem para o esquecimento desse por parte daquela, o Vaticano II resgata a compreensão do ES como a alma da ICAR, superando a visão distorcida que predominou após o Concílio de Trento, em que a essa organização religiosa funciona, essencialmente, como uma instituição, deixada por Jesus e confiada à direção da hierarquia. O ES viria apenas para autenticar, isto é, dar força e autoridade às ações do clero (CIPOLINI, 2007).

Contudo, a realidade é diferente, a existência da ICAR deve ser compreendida como obra do ES que nela habita (1 Cor. 3,16; 6,19). O ES constitui a ICAR. Sua missão é constitutiva dela, sendo que a ação dele não é determinada pela ação dela (IDEM, 2007). Então, a RCC veio justamente colocar em evidência a atuação do ES

²² Batina ou hábito eclesiástico consiste em uma vestimenta semelhante a um vestido de cor preta com colarinho branco, possuindo trinta e três botões de cima a baixo na parte da frente representando a idade de Cristo e cinco botões em cada punho significando as cinco chagas de Cristo. A cor preta e o colarinho branco significam que o clérigo morreu para essa vida e vive para a santidade.

em todos os católicos, através de um novo Pentecostes que representou para a ICAR um avivamento pentecostal (MASSARÃO, 2007).

A terceira convergência entre as ideias dos entrevistados indica que **o movimento atrai pessoas afastadas da ICAR**, se tornando indispensável para o catolicismo, haja vista que diminuiu a perda de adeptos do catolicismo.

Nesse sentido de atração de fiéis afastados da ICAR, aponta Jesus (2013) a capacidade da RCC de refazer a vida de muitos católicos indecisos, como também atrair para si, e, portanto, para a ICAR, aqueles que viviam afastados do catolicismo. Nessa mesma linha de pensamento Carranza (2000, p. 125) ressalta que tanto “a renovação espiritual, quanto a reconversão na experiência pentecostal católica, constitui-se numa experiência-chave para atrair católicos afastados para dentro da Igreja [...]”.

Dessa forma, fica evidente a capacidade da RCC em manter e atrair católicos que se afastaram do seio da ICAR através de uma fórmula que se mantém até hoje, em que há a combinação de formação de GO, realização de Seminários de Vida no Espírito e outros eventos, bem como, investimentos em meios de comunicação (GONZALEZ, 2006; JESUS, 2012; JESUS, 2013).

Com a grande capacidade de convergência de católicos para si, aliado ao apoio do Vaticano, a obediência ao clero, a RCC foi ganhando espaço e reconhecimento da ICAR e se constitui como um movimento que possui grande popularidade junto aos católicos que se identificam com a espiritualidade pentecostal (SILVA, 2006; RIBEIRO, 2011). Portanto, os autores citados convergem com a ideia de que a RCC atrai pessoas afastadas da ICAR.

A quarta convergência entre as ideias dos entrevistados diz que **a RCC é um movimento eclesial da ICAR com um carisma próprio que recorda a ação do ES nos católicos**. Logo, a RCC surge na segunda fase do pentecostalismo, em que esse passou a adentrar nas igrejas tradicionais como movimento transversal (LACERDA; PAPALI, 2006). Portanto, os carismáticos formam um movimento da ICAR embora surjam das relações ecumênicas de católicos com membros de outras denominações religiosas (MASSARÃO, 2007).

Quanto à formação da RCC como movimento da ICAR Mariz (2003, p. 172), expressa que:

[...] esse processo de integração relativa, que levou a RCC a se conceber como movimento de leigos, implicou a redefinição e redução de suas metas. [...] a meta [...] [RCC] era e é mudar a Igreja como um todo: propor uma nova forma de ser Igreja tanto para os leigos quanto para o clero. A dinâmica da organização maior da Igreja, contudo, não comporta uma única forma de ser Igreja.

Diante disso, a autora salienta que a RCC possuía e ainda possui como meta ser uma espiritualidade para toda a ICAR, isso diverge da compreensão dos carismáticos como um movimento católico, pois os mesmos objetivam, segundo ela, transmutar a ICAR para sua imagem e semelhança, contrariando a forma de organização católica que mantém “grupos divergentes juntos” (IDEM, 2003, p. 171). Na argumentação essa autora apresenta falas de duas lideranças que embasariam o entendimento da RCC pretender ser uma espiritualidade que mude a ICAR como um todo.

Essas duas lideranças, negariam “ao menos no nível do discurso um tipo específico de organização social paralela que parece caracterizar esses chamados ‘movimentos religiosos’ dentro da [...] [ICAR]” (IDEM, 2003, p. 175). Todavia, a RCC é um movimento, pois assim se organizou para que seus carismas sobrevivessem no interior da ICAR que possui um território marcado por sobreposições territoriais de grupos com carismas distintos.

Para além das afirmações da RCC ter como meta renovar toda a ICAR, fato é, que a mesma é um movimento com um carisma próprio. Quanto aos carismas da RCC, esses se dividem em nove dons, que de acordo com Miranda (2013), são: dom da fé; da interpretação; da profecia; da cura; das línguas; dos milagres; do discernimento dos espíritos; palavra de ciência e palavra de sabedoria. Assim, esses carismas levam a algumas manifestações típicas dos pentecostais como entrar em êxtase e “bailar no Espírito” como descrito por Maués (2003, p. 11) ao discorrer sobre um episódio que presenciou em um GO em Belém:

Chamou-me atenção, sobretudo, a técnica que foi denominada pelo jovem pregador de “bailar no Espírito”, ensinada na tarde do segundo dia do encontro. Tocando ao violão uma música suave, o mesmo sugeriu que todos, de pé, cada um por si e de olhos fechados, comesçassem a dançar, “entregando-se ao Senhor”, até que a maioria dos participantes, inclusive os neófitos, entrou em êxtase e ficou, então, bailando com o Senhor, de modo que, em pouco tempo, vários caíram ao solo – o que também se chama de “repouso no Espírito”.

Em relação ao “repouso no Espírito”, cremos que entrou em desuso, ou pelo menos não notamos esse fenômeno em nossas visitas de campo. Isto talvez tenha a ver com as **orientações pastorais sobre a RCC**, constantes do Documento 53 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB, 53, 1994). Conforme Silva (2006), o referido documento em seus 71 parágrafos não usa o verbo “proibir” ou similares, pois os bispos não queriam se indispor com os carismáticos. Entretanto, quanto ao “repouso no Espírito” o documento destaca que em “Assembleias, grupos de oração, retiros e outras reuniões evite-se a prática do assim chamado ‘repouso no Espírito’. Essa prática exige maior aprofundamento, estudo e discernimento” (CNBB, 53, 1994, n. 66).

De parecer nosso, convergimos com o entendimento do Documento 53 (IDEM, 53, 1994) pois são as orientações dadas a RCC, logo, a mesma como movimento da ICAR e para ser reconhecida como tal, precisa seguir as orientações da Conferência dos Bispos.

A CNBB dá outras orientações como utilizar o termo “efusão do ES” ou “derramamento do ES” ao invés de “Batismo no ES” para não que não haja ambiguidade com o sacramento do Batismo. Referente a glossolalia os bispos orientam: “[...]. Como é difícil discernir, na prática, entre inspiração do [...] [ES] e os apelos do animador do grupo reunido, não se incentive a chamada oração em línguas e nunca se fale em línguas sem que haja intérprete” (IDEM, 53, 1994, n. 63).

Diante do exposto, evidencia-se que a RCC é um movimento com um carisma próprio, bem como as orientações da CNBB não deixam de trazer para o centro das discussões o papel do ES; assim como também não proíbe os carismáticos em nada, visto que, o verbo mais forte utilizado nas orientações é o “evite-se”. Portanto, os carismáticos atualizam para o nosso tempo a cultura de Pentecostes, por isso a quarta unidade de significado destaca que a RCC recorda a ação do ES nos católicos.

CONCLUSÃO

Neste tópico chega o momento de apresentarmos nossas conclusões em relação as impressões e aos pareceres que apresentamos no capítulo de resultado e discussões. Assim, com base naquilo que extraímos das fissuras dos discursos, bem como das interpretações nossas em relação ao referencial teórico que utilizamos, apresentamos nossas “conclusões”.

Primeiro colocamos que se tivéssemos utilizado outro método nossas considerações seriam outras com certeza. Talvez com mais polêmicas e vendo reações de poder permeadas por conflitos de classes. Todavia, nos propusemos a esquecer tudo que sabíamos para reaprender tudo de novo através da Fenomenologia, ousamos dar o salto para a terceira margem.

Nisso, pelos caminhos que adotamos, vimos que um dos documentos que orientam especificamente a RCC é o Documento 53 (CNBB, 53, 1994) que traz em sua essência a colocação para os carismáticos que acolham a “opção preferencial pelos pobres”. O termo opção preferencial pelos pobres é essencialmente TL, isto é, a ICAR latino-americana orienta que a RCC siga como orientação para a sua pneumatologia²³ a TL. No entanto, isso não deve ser problema para a RCC, a mesma não deve se converter em uma CEB, mesmo porque o seu carisma não tem hermenêutica marxista. Então, como a RCC resolve esse problema? Resolve por meio de uma interpretação própria da “opção preferencial pelos pobres”.

Ou seja, pobre não necessariamente seja apenas alguém das classes subalternas, mas pode haver pobre de espírito ou pobre em espírito, isto é, um rico humilde, assim como há pobre rico de orgulho e soberba.

Referente a esta última explicação, eu dou o exemplo do ex-padre Geffison da Basílica de Nazaré em Belém, que quando seminarista quis realizar algo prático e pediu doação no comércio de Belém e saiu distribuindo cestas básicas na periferia da cidade. Quando chegou na última casa, a mais pobre, a moradora disse que não precisava de ajuda, pois era pobre de dinheiro e rica de orgulho e soberba. Nisso, de parece próprio afirmo que os documentos da ICAR podem ser interpretados de forma diversa dependendo do carisma de quem o lê.

²³ Pneumatologia é o estudo de seres espirituais e 'especialmente as interações entre os humanos e Deus (HOUAISS; VILLAR, 2009).

No mais, como parecer nosso, também cremos que a ICAR deve ser exatamente dessa forma, diversa em seus carismas e movimentos. Consequentemente, nenhum movimento deve ser maior que o outro, porém todos fazem parte de um todo, logo, deve haver unidade na diversidade.

Outro aspecto era a inquietação que nos tomava ao questionar porque o pentecostalismo católico, como o pentecostalismo em geral cresce e se alimenta pelo proselitismo da religiosidade tradicional. Isto os autores Maués (1998; 2000), dentre outros, nos ajudaram a descobrir. Assim, o pentecostalismo em geral cresce porque se trata de uma espiritualidade intimista, isto é, uma manifestação religiosa que mexe com as emoções.

Quanto à questão de pesquisa e aos objetivos, o que conseguimos alcançar?

Essa pesquisa foi suscitada pela indagação:

- Como ocorre a chegada da RCC no município de Castanhal e como (acontece) as relações entre a ICAR e a RCC?

O objetivo geral foi:

- Compreender as relações entre a RCC e a ICAR no município de Castanhal-PA.

Como objetivos específicos tivemos:

- Identificar a visão do clero em relação a RCC;
- Descrever na visão dos participantes da RCC o olhar que estes têm sobre o movimento.

Começando pelos objetivos específicos afirmamos que referente a visão do clero em relação a RCC, os padres diocesanos querem uma Renovação Católica e rejeitam uma modalidade de pentecostalismo católico, pois para eles a RCC deve assumir uma identidade que os diferencie dos pentecostais protestantes.

Quanto à visão dos participantes da RCC em relação ao movimento, eles se veem como católicos mais autênticos após se tornarem católicos carismáticos. Também se reconhecem como movimento católico e não estão conectados com a ideia de serem uma espiritualidade que converta toda a ICAR.

Em relação à questão de pesquisa e ao objetivo geral que são semelhantes, esses foram quase que totalmente respondidos nos objetivos específicos, contudo como a questão de pesquisa (como ocorre a chegada da RCC no município de Castanhal e como (acontece) as relações entre a ICAR e a RCC?) pergunta sobre a

chegada da RCC em Castanhal e isso de certa forma já foi respondido no capítulo 2 nós aqui a título de dar ênfase relembramos que a RCC constitui seu primeiro GO em Castanhal no ano de 1987.

Esse trabalho pode ainda servir de base para quem queira aprofundá-lo dentro do mesmo método, ou ainda ser inspiração para quem queira contestá-lo, bem como também ser usado para pesquisa que utilize outro método, pois como nós mesmos afirmamos se este mesmo pesquisador tivesse a mesma questão de pesquisa e mesmos objetivos com outro método que não fosse a Fenomenologia, nossas conclusões seriam outras; quais outras? Não dá de responder, pois não usamos outro método a não ser a Fenomenologia para essa pesquisa.

Creemos importante enfatizar que em quase todo o trabalho, com exceção do memorial e deste tópico, fizemos um esforço hercúleo de falarmos projetados para fora da religião.

Falando agora especificamente de nós como pesquisadores não mais preocupados em olhar a RCC de fora, afirmamos no referencial teórico que ao assumirmos a Fenomenologia como método evitamos nos tornar uma águia de duas cabeças que olhava para a Fenomenologia de um lado e o marxismo do outro, todavia, talvez essa águia de duas cabeças ainda nos habite, pois optamos pela LM, primeiro apostolado da nossa mãe (avó), mas ainda nos inquietamos com a RCC. Isto é, uma cabeça está voltada a LM e a outra olha para a RCC.

Também, não olhando do lugar de legionário, mas enxergando com visão de católico, ou seja, com o olhar do todo, afirmamos nessa conclusão que a RCC é verdadeiro canal do ES para o bem da ICAR. Essa é a nossa conclusão.

REFERÊNCIAS

ALDAZÁBEL, José. **Vocabulário Básico de Liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2013. 421p.

ALVES, Rubem. **O que é religião**. Coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 1984. 68p.

AQUINO, Felipe Rinaldo Queiroz de. **Ciência e fé em harmonia**. 8. ed. Lorena: Cleófas, 2017. 304p.

ASSIS, Maria Cristina de. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Atlas, 2009. 48f.

BALMER, Randall Herbert. *Encyclopedia of Evangelicalism: revised and expanded edition*. 2. ed. Waco, Texas (USA): *Baylor University Press*, 2004. 781p.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2008. 229p.

BELLO, Ângela Ales. **O Sentido do Sagrado: da arcaicidade à dessacralização**. Tradução de Paulo Sérgio Lopes Gonçalves e Dilson Daldoce Júnior. São Paulo: Paulus, 2018. 158p.

BETTENCOURT, Estêvão Tavares. **Católicos perguntam**. 7. ed. São Paulo: Mensageiro de Santo Antônio, 1997. 204p.

BLOCH, Ernst. **O princípio esperança**. Tradução de Nélio Schneider. Rio de Janeiro: EdUERJ; Contraponto, 2005. 434p.

BOFF, Leonardo. **Tempo de transcendência: o ser humano como um projeto infinito**. Petrópolis, RJ: 2009. 88p.

BLAUTH, Daniel Luís. **Curso para Acólitos**. 7ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2008. 64p.

BOGAZ, Antônio S.; COUTO, Márcio A.; HANSEN, João H. **Patrística: caminhos da tradição cristã**. São Paulo: Paulus, 2008. 214p.

CARRANZA, Brenda. **Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências**. Editora Santuário: Aparecida, 2000. 320p.

CARVALHO, Adalberto Dias de. Identidade e diversidade. In: CARVALHO, Adalberto Dias de. **A contemporaneidade como utopia**. Porto: Edições Afrontamento, 2000. p. 45-55.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, 1993. 482p.

CIPOLINI, Côm Pedro Carlos. O espírito santo promotor de contínua purificação e renovação da igreja. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**. São Paulo, v. 1, n. 2, ago./dez. 2007.

COMBLIN, José. Os "movimentos" e a pastoral latino-americana. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 43, n. 170, p. 227-262, 1983.

CONCILIUM LEGIONIS MARIAE. **Manual Oficial da Legião de Maria**. Traduzido por Senatus do Brasil. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1996.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, promulgado por João Paulo II, Papa. Tradução Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo: Loyola, 1987. 763p.

DÁVILA, Brenda Maribel Carranza. **Renovação carismática católica: origens, mudanças e tendências**. 1998. 260f. Dissertação (Mestrado em sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade na formação de professores. **Ideação**, Foz do Iguaçu, v. 10, n. 1, p. 93-104, jan./jun., 2008.

FERNANDES, José Guilherme dos Santos; RAMOS, João Batista Santiago. O que é "estudos antrópicos"? *In*: ROCHA, Carlos José Trindade da; RAMOS, João Batista Santiago (Orgs.). **Estudos antrópicos na Amazônia: entre textos e contextos interdisciplinares**. Curitiba: Appris, 2020. 297p.

FILHO, Sylvio Fausto Gil. Por uma geografia do sagrado. *In*: KOZEL, Salete; MENDONÇA, Francisco. (Orgs.). **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: Editora UFPR, 2002. p. 253-265.

FILHO, Sylvio Fausto Gil. O sagrado e a religião. *In*: FILHO, Sylvio Fausto Gil. **Projeto Geografia da Religião**. [S. l.: s. n.], 2010. p. 3-17.

FOUCAULT, Michel. De espaços outros. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 27, n. 79, p. 113-122, 2013.

FRANCISCO, Crislaine Valéria de Toledo. A Renovação Carismática Católica: "um novo jeito (conservador) de ser igreja". **Revista USP**, São Paulo, n. 37, p. 232-235, mar./maio, 1998.

FRANCISCO, Santo Padre. Exortação Apostólica Pós-Sinodal. **Querida Amazônia**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2019. 46p.

FREIRE, Caio Gustavo Ferraz. **Formação e vocação no catolicismo carismático: análise sociológica sobre a socialização em Movimentos de Reavivamento Religioso. Tese de Doutorado**. 2018. 172f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.

GAMA, Izael Nunes da. **As territorialidades da Legião de Maria e da Renovação Carismática Católica na Paróquia de São José, Castanhal - Pará**. Belém: UFPA, 2008. 68f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado e Licenciatura Plena em Geografia) – Faculdade de Geografia e Cartografia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

GAMA, Izael Nunes da. **Escolas católicas: gestão confessional, também tradicional?** Castanhal: UNOPAR, 2014. 36f. Monografia. Sistema de Ensino Presencial Conectado, Universidade Norte do Pará, Castanhal, 2014.

GIORGI, A. **A psicologia como ciência humana: uma abordagem de base fenomenológica**. Belo Horizonte: Interlivros, 1978.

GIORGI, **A Phenomenology and psychological research**. Pittsburgh: Dusquene University, 1985. 216p.

GIORGI, Amedeo. Status of qualitative research in the human sciences: a limited interdisciplinary and international perspective. **Methods**, v. 1, n. 1, p. 29-62, 1986.

GONÇALVES, Carlos Manuel. **A influência da família no desenvolvimento vocacional de adolescentes e jovens**. 1997. 268f. Dissertação (Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação) – Universidade do Porto, Porto, 1997.

GONZALEZ, Keila Patricia. **Renovação Carismática Católica: continuidades e rupturas no catolicismo brasileiro (1969-2005)**. 2006. 210 f. Dissertação (Mestrado em história) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2006.

Guia [de] elaboração de trabalhos acadêmicos. Rose Suellen Lisboa (org.). 2.ed., rev., ampl. e atual. Belém: Universidade Federal do Pará, Biblioteca Central, 2019. 99p.

HAESBAERT, Rogério. Da Desterritorialização à Multiterritorialidade. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**. Universidade de São Paulo, 20 a 26 de março de 2005. p.6774-6792.

HEIDEGGER, Martin. Conferências e escritos filosóficos. In: **OS PENSADORES**. Tradução Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1973. 272p.

HEIDEGGER, Martin. **Introdução à metafísica**. 3. ed. Tradução Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987. 226p.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 7. ed. Tradução Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1998. 600p.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1986p.

HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Tradução de Urbano Zilles. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.

IBGE. **Censo 2010, notícias**: Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticia>. Acesso em: 16 Abr. 21.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

IUBEL, Padre Cristovam. **Manual do ministro extraordinário da Sagrada Comunhão e das exéquias**. Guarapuava: Pão e Vinho, 2008. 312p.

JESUS, José Soares de. A Consolidação Do Pentecostalismo Católico Como Fenômeno Religioso: as etapas da rcc no Brasil. **PARALELLUS Revista de Estudos de Religião-UNICAP**, Recife v. 4, n. 7, p. 107-120, jan./jun. 2013.

LACERDA, Lucelmo; PAPALI, Maria Aparecida Chaves Ribeiro. E os católicos se rendem à Universal do Reino de Deus: aproximações dos carismáticos com o neopentecostalismo. **Espaço Acadêmico, Maringá**, n. 71, 2006.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Tradução Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. [S. l.]: [s. n.], 2006. 476p. Disponível em: https://gpect.files.wordpress.com/2014/06/henri_lefevre-a-produc3a7c3a3o-do-espac3a7o.pdf. Acesso em: 10 Jan. 2020

LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**. Lisboa: Edições 70, 1980. 295p.

LIBÂNIO, João Batista. **Cenários da Igreja**. São Paulo: Loyola, 1999.

LIMA, Antônio Balbino Marçal (org.). **Ensaio sobre fenomenologia**: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty. Ilhéus: Editus, 2014. 126p.

LÖWY, Michael. **O que é Cristianismo da Libertação**: religião e política na América Latina. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016. 256 p.

MACHADO, Mônica Sampaio. A territorialidade pentecostal: um estudo de caso em Niterói. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 56, n. 1/4, p.135-164, 1994.

MARIZ, Cecília L. A Renovação Carismática Católica Uma igreja dentro da Igreja? **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 169-186, jun. 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos A. R. de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 657p.

MANSFIELD, Patti Gallagher. **The Catholic Charismatic Movement. Spiritan Horizons**, v. 10, n. 10, p. 10, 2015. Disponível em: <https://dsc.duq.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1075&context=spiritan-horizons>. Acesso em: 15 Set. 19.

MANSFIELD, Patti Gallagher. **Como em um novo Pentecostes: o surpreendente início da Renovação Carismática Católica**. Tradução de Sueli Tronco. Canas: RCCBRASIL, 2016.

MARTINS, Joel, BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação**. São Paulo: Moraes, 1983. 112p.

MARTINS, Joel, BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: PUC-SP, 1989. 109p.

MARTINS, Joel, DICHTCHEKENIAN, Maria Fernanda S. Farinha Beirão. **Temas fundamentais de fenomenologia**. São Paulo: Moraes, 1984. 98p.

MASSARÃO, Leila Maria. **Combatendo no Espírito: a renovação carismática na Igreja Católica (1969-1998)**. 164f. Dissertação (Mestrado em História). Campinas: Unicamp, 2002.

MASSARÃO, Leila Maria. Combates no Espírito: Renovação Carismática Católica, teorias e interpretações. **Revistas Aulas: Dossiê Religião**, Campinas, UNICAMP, n. 4, p. 3-22, abr./jul. 2007.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. O leigo católico no movimento carismático em Belém do Pará. **Trabalho apresentado no XXII Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu**, v. 27, 1998. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/22-encontro-anual-da-anpocs/gt-20/gt16-16/5165-rmaues-o-leigo/file>. Acesso em: 15 Set. 2019.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Tradição e modernidade conservadoras no catolicismo brasileiro: o Apostolado da Oração e a Renovação Carismática Católica. **Sociedad y Religión**, v. 22, p. 23, 2001. Disponível em: <https://www.equiponaya.com.ar/religion/XJornadas/pdf/4/4-maues.pdf>. Acesso em: 15 set. 2019.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Catolicismo e xamanismo: comparação entre a cura no movimento carismático e na pajelança rural amazônica. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 4, n. 2, p. 051-077, dez. 2002.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. "Bailando com o Senhor": técnicas corporais de culto e louvor (o êxtase e o transe como técnicas corporais). **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 10-40, p. 9-40, jan. 2003.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. A Renovação Carismática e a "cura" de um espaço comunitário. **Revista Antropológicas**, Recife, v. 15, n. 1, p. 79-98, 2004.

MAUÉS, Raymundo Heraldo; VILLACORTA, Gisela Macambira. Xamanismo e renovação carismática católica em uma povoação de pescadores no litoral da Amazônia Brasileira: Questões de religião e de gênero. **Trabalho apresentado nas XI Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina. Santiago do Chile, de**, [S. l.: s. n.], v. 3, 2005.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Catolicismo e Xamanismo: reflexões sobre pajelança amazônica, renovação carismática e outros movimentos eclesiais. **Revista Pós Ciências Sociais**, São Luís, v. 4, n. 8, jul./dez. 2007.

MAUÉS, Raymundo Heraldo; SANTOS, Kátia Bárbara; SANTOS, Marinéa Carvalho. Em busca da cura: ministros e “doentes” na Renovação Carismática Católica. **Revista Antropológicas**, Recife, v. 13, n. 1, p. 131-154, 2002.

MIRANDA, Gustavo Martins do Carmo. Alguns aspectos da presença da Renovação Carismática Católica em Belo Horizonte: uma breve interpretação diante da missa presenciada na Paróquia Nossa Senhora Mãe da Igreja. **Revista Habitus**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, dez. 2013.

MIRANDA, Júlia. **Carisma, sociedade e política**: novas linguagens do religioso no político. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. 135p.

MONTEIRO, A *et al.* **O espaço amazônico**: sociedade & meio ambiente. Belém: UFPA/NPI, 1997. 129p.

MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina; PORTO, Eline. Análise de conteúdo: técnica de elaboração e análise de unidades de significado. *Revista Brasileira Ciência e Movimento*, Piracicaba, v. 14, n. 4, p. 107-144, out. 2005.

NASSAR, Sérgio Eduardo. **A identidade profissional dos professores do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Pará**. 2013. 233f. Tese (Doutorado em Educação) – Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

NEVES, José Luís. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5, 2º Sem. 1996.

NUTI, Silvana. **Por que sou católico**. São Pulo: Jaboticaba, 2004. 192p.

OLIVEIRA, David Mesquiati de *et al.* A leitura da Bíblia no pentecostalismo a partir da estética da recepção. **Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 1-12, out. 2017.

OTTO, R. **O Sagrado**, Lisboa: Edições 70, 1992. 224p.

PAES, Anselmo do Amaral. **O corpo da alma**: cosmos, casa e corpo espírita kardecista. 2011. Tese (Doutorado em Ciências Sociais, área de concentração em

Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS), Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

PADRE ALBANO renuncia ao amor de Tânia (Roque Santeiro – 1985). Dô Olliveira. **Youtube**. [S. l.: s. n.], 2020. 06min.49s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-1eJQlft4kQ>. Acesso em: 05 Jan. 2020.

PIRES, José Herculano. **Parapsicologia hoje e amanhã**. São Paulo: Paideia, 1981. 189p.

PRANDI, Reginaldo. Exu, de mensageiro a diabo. Sincretismo católico e demonização do orixá Exu. **Revista Usp**, São Paulo, n. 50, p. 46-63, jun./ago. 2001.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993. 269p.

RAMOS, João Batista Santiago. **Por uma Utopia do Humano: olhares a partir da ética da libertação de Enrique Dussel**. Porto: Edições Afrontamento, 2012.

REIS, José Eduardo. **Do espírito da utopia: lugares utópicos e eutópicos, tempos proféticos nas culturas literárias portuguesa e inglesa**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007. 566p.

RIBEIRO, Antônio Lopes. Uma Tipologia do Pentecostalismo Católico: a RCC em ondas. **Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, Goiânia, v. 21, n. 4/6, p. 171-188, abr./jun. 2011.

RODRIGUES, Jean Carlos. Pentecostalismo e a produção da escala geográfica. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS**, 2004, [S. l.]. **Proceedings [...]**. [S. l.], 2004.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **O que é pentecostalismo**. Coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 1987. 96p.

ROSA, André Luís da. Pentecostalismo católico: Histórico e espiritualidade. **UNITAS-Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 13-29, dez. 2017.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. 10. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1977. 224p.

ROSENDAHL, Zeny. Uma proposição temática. In: KOZEL, Salette; MENDONÇA, Francisco. (Orgs.). **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: Editora UFPR, 2002. p.197-213.

RUSSELL, B. **História da filosofia ocidental**. Segundo livro. Tradução de Brenno Silveira. 3ª ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1969.

SACK, Robert David. **Human Territoriality: its theory and history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. 272p.

SANTOS, Leila Borges Dias. **Ultramontanismo e catolicismo popular em Goiás de 1865 a 1907 à luz da sociologia da religião**. 2006. 222f. Tese (Doutorado em sociologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

SILVA, Edvania Gomes de et al. **Os (des) encontros da fé: análise interdiscursiva de dois movimentos da Igreja Católica**. 2006, 293f. Tese (Doutorado em linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

SIMÕES, Regina; DE MOURA, Marcia Marques; MOREIRA, Wagner Wey. Esperando a morte: o corpo idoso institucionalizado. **Polêmica**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 49-61, jul., ago. e set. 2016.

SÍNODO DOS BISPOS. Assembleia especial para a região Pan-amazônica. Amazônia: novos Caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral. **Instrumentum Laboris**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2019. 59p.

SÍNODO DOS BISPOS. Assembleia especial para a região Pan-amazônica. Amazônia: novos Caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral. **Documento Final**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2019. 33p.

SOPHER, David. **Geography of Religions**. Englewood, Cliffs, Prentice Hall Inc., 1967.

SOUSA, Ronaldo José. **Carisma e instituição: relações de poder na Renovação Carismática Católica do Brasil**. 2004. 235f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2004.

SOUTO, Felipe de Queiroz. O sagrado em questão: uma análise a partir da fenomenologia da religião. **Estudos de Religião**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 569-575, maio-ago. 2020.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p.77-116.

SOUZA, Maurício Rodrigues de. **A Igreja em Movimento: catolicismo carismático e identidades religiosas na Amazônia**. São Paulo: Letras À Margem, 2007.

STACCONE, Giuseppe. **Filosofia da Religião: o pensamento do homem ocidental e o problema de Deus**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1991. 263p.

SYNAN, Vinson. **O século do Espírito Santo: 100 anos do avivamento pentecostal e carismático**. Tradução: Judson Canto. São Paulo: Vida, 2009. 608p.

THORSEN, Jakob Egeris. *El impacto de la renovación carismática en la iglesia católica de Guatemala*. **Anuario de Estudios Centroamericanos**, San José, Costa Rica, v. 42, p. 213-236, dez. 2016.

TV CÂMARA. Documentário – memórias: Rubem Alves, o professor de espantos. Robson Valentim. **Youtube**. [S. l.: s. n.], 2013. 44min33s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pkRaN0xvDfU>. Acesso em: 13 jul. 2019

UNIVERSIDADES RENOVADAS. **Apostila de formação**: módulo I. [S. l.: s. n.], 2006. Disponível em: https://issuu.com/ajzsousa/docs/apostila1_mur. Acesso em: 23 Set. 2019.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Ed. da UnB. 2004. 586p.

WEBER, Max. Três tipos puros de poder legítimo. In: WEBER, Max. **Três tipos de poder e outros escritos**. Lisboa: Tribuna da História, 2005.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS ANTRÓPICOS NA AMAZÔNIA
 - PPGÉAA
 MESTRADO ACADÊMICO INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS ANTRÓPICOS NA
 AMAZÔNIA

**APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO
 LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

**TÍTULO DA PESQUISA: IGREJA CATÓLICA E O MOVIMENTO DA
 RENOVAÇÃO CARISMÁTICA NO CONTEXTO DO MUNICÍPIO DE
 CASTANHAL**

Eu,,
 data de nascimento: /...../, profissão:,
 endereço:,
,

RG:, estou sendo convidado a participar de um estudo
 denominado **Igreja Católica e o Movimento da Renovação Carismática no
 contexto do Município de Castanhal**, cujos objetivos são: estudar a RCC e suas
 relações com o comando da Igreja e entender a importância desse movimento
 pentecostal para a vida de seus membros e da Igreja.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome
 ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar,
 será mantido em sigilo.

Fui informado(a) que os riscos com essa pesquisa são mínimos, sendo que
 pode ocorrer de me sentir desconfortável em responder alguma pergunta ou ocorrer
 vazamento de dados, mas estou consciente que tenho a liberdade de não responder
 ou interromper a entrevista em qualquer momento, sem nenhum prejuízo para mim.

Estou cômico(a) que possuo a liberdade de não participar da pesquisa ou
 retirar meu consentimento a qualquer momento, mesmo após o início da
 entrevista/coleta de dados, sem qualquer prejuízo.

Pelo presente documento, expresso meu livre desejo de ceder ao pesquisador **Izrael Nunes da Gama**, RG: 3371265, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do meu depoimento, de caráter histórico e documental que prestei ao pesquisador/entrevistador na cidade de Castanhal – PA, gravada em de de 2021, como subsídio à construção de Dissertação para o Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Estudos Antrópicos na Amazônia da Universidade Federal do Pará – UFPA. O pesquisador acima citado fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins científicos, o mencionado depoimento, integralmente ou em partes, editado ou não, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma, permito a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo suas normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor, ficando vinculado o controle a **Izrael Nunes da Gama**, que tem sua guarda.

Enfim, tendo sido orientado(a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes sobre a entrevista, subscrevo o presente.

Castanhal, Pará, de de 2021.

Nome e assinatura do sujeito da pesquisa

Izrael Nunes da Gama
Pesquisador

CEP-IC: Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará (CEP-ICS/UFPA). Rua Augusto Corrêa, Nº 1. Complexo de Sala de Aula da Faculdade de Enfermagem - Sala 13 -

Campus Universitário, Bairro: Guamá. CEP: 66.075-110 - Belém-Pará. Tel: (91) 3201-7735. E-mail: cepccs@ufpa.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS ANTRÓPICOS NA AMAZÔNIA
- PPGEAA
MESTRADO ACADÊMICO INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS ANTRÓPICOS NA
AMAZÔNIA

APÊNDICE B – FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

**TÍTULO DA PESQUISA: IGREJA CATÓLICA E O MOVIMENTO DA
RENOVAÇÃO CARISMÁTICA NO CONTEXTO DO MUNICÍPIO DE
CASTANHAL**

Nome _____

_____ Idade _____

Há quanto tempo você tem acompanhado a RCC: _____

Tempo de Coordenação: _____ Tempo de GO: _____

Quantas coordenações já participou: _____

Você já fez parte de outra pastoral, ou movimento: _____

Atua em outro movimento ou pastoral: _____



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS ANTRÓPICOS NA AMAZÔNIA
- PPGEAA
MESTRADO ACADÊMICO INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS ANTRÓPICOS NA
AMAZÔNIA

APÊNDICE C – ROTEIRO DA ENTREVISTA (PERGUNTA GERADORA)

Como você vê o movimento da RCC na ICAR?



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS ANTRÓPICOS NA AMAZÔNIA
 - PPGEAA
 MESTRADO ACADÊMICO INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS ANTRÓPICOS NA
 AMAZÔNIA

**APÊNDICE D – PARÓQUIAS E COMUNIDADES
 DA FORANIA DE SÃO JOSÉ**

Paróquia	Fundação	Comunidade	Bairro/Distrito	
São José	1911	Matriz de São José	Urbano	Centro
		Cenáculo		Ianetama
		Santa Catarina de Sena		Santa Catarina
		São Miguel Arcanjo		Cruzeiro
		Santa Rita de Cássia		Jardim Modelo
		São Domingos Sávio	Rural	Grameira
Santa Maria Mãe de Deus	2001	Catedral	Urbano	Nova Olinda
		Cristo Redentor		Bairro do Cristo
		Nossa Senhora de Fátima		Tv. Ipiranga (Nova Olinda)
		Nossa Senhora Perpétuo Socorro		Av. Altamira (Nova Olinda)
		Imaculada Conceição		Santa Helena
		São Pedro		Jardim Tóquio
		Santa Mônica		Bairro do Cristo
		São Barnabé		E-Salles Jardim
Cristo Rei	1986	Matriz de Cristo Rei	Urbano	Santa Lídia
		Nossa Senhora Rainha da Paz		Santa Lídia

		Nossa Senhora do Carmo		Santa Lídia	
		Nossa Senhora Aparecida		Santa Lídia	
		São Francisco		BR 316 (Presidente Vargas - Centro)	
		São João Bosco		Cariri	
		Sagrada Família		Quinta do Bosque	
		Nossa Senhora de Nazaré		Rural	Macapazinho
		São José		Rural	Ramal do Macapazinho
		São Miguel Arcanjo		Rural	Ramal do Macapazinho
Santa Cruz	1986	Matriz de Santa Cruz	Urbano	Saudade I	
		Calvário		Pirapora	
		Monte Sinai		Pirapora	
		Nossa Senhora Aparecida		Pantanal	
		São Francisco	Morrinho		
		Nossa Senhora do Livramento	Rural	Boa Vista	
		São Tomé	Rural	Boa Vista	
		Santo Antônio	Rural	Pantanal (parte rural)	
Cristo Jovem	1990	Matriz de Cristo Jovem	Urbano	Estrela	
		Santa Joana D'Arc		Novo Estrela	
		Sagrada Família		Conjunto Caetano	
		Monte Tabor		Caiçara	
		São José Anchieta			
		Nossa Senhora da Conceição	Rural	Km 13 da PA-136	
		Nossa Senhora das Graças	Rural	Km 06 da PA-136	
		São Carlos Borromeo	Rural	Km 07 da PA-136	
		Nossa Senhora de Nazaré	Rural	Rua no Km 07 da da PA-136	
		São Maximiliano Kolbe	Rural	Parque dos Castanhais	
		Nossa Senhora de Nazaré	Rural	Bacabalzinho no ramal do km 27 da PA-136	
		Nossa Senhora do Perpétuo Socorro	Rural	Km 21 da PA-136	
Santa Luzia	Rural	Km 10 da PA-136			

		Santo Antônio		Km 14 da PA-136
		São João Batista		Ramal no Km 13 da PA-136
		São Benedito		Ramal esquina com km 27
		São Paulo		Ramal no km 12 da PA-136
		São Sebastião		Ramal no km 17 da PA-136
		São Bento		Bacabal no ramal do km 27 da PA-136
		São José		Km 23 da PA-136
		São Lucas		Ramal no km 23
		São Pedro		Ramal no km 23
		São Marcos		Ramal no km 19
		São Miguel Arcanjo		Ramal no km 27
		Santa Rita de Cássia		Ramal no km 19
Sant'Ana	1994	Matriz de Sant'Ana	Urbano	Apeú
		Nossa Senhora Aparecida		Cabeceira
		Jesus Misericordioso		Novo Apeú
		Nossa Senhora de Nazaré		Santuário (Apeú)
		Santa Luzia		Titanlândia
		Santa Marta		Betânia
		Sagrada Família		Condomínio Super <i>Life</i>
		Santa Rita de Cássia		Corrente
		Nossa Senhora da Conceição	Rural	Pacuquara
		Santo Antônio		Ramal Boa Vista
São Sebastião	Itaqui			
Santa Terezinha do Menino Jesus	1994	Matriz de Santa Terezinha do Menino Jesus	Urbano	Rua 02 de Novembro (Jaderlândia)
		Nossa Senhora Aparecida		Heliolândia
		Nossa Senhora do Rosário		Jaderlândia
		São Cristóvão		Jaderlândia

		Nossa Senhora Rainha da Paz		Oscar Reis
		Santa Clara		Rouxinol
		Santa Luzia		Bom Jesus
		São Paulo		Portelinha
		Nossa Senhora da Conceição	Rural	Setor I Tv. Cupiúba
		Santa Rita		Cupiúba
		Santo Antônio		Cupiúba
		Nossa Senhora do Perpétuo Socorro		Setor II Bacuri
		São Francisco		Km 20
		São João Batista		Assentamento São João Batista
		Nossa Senhora da Conceição		Setor III 03 de Outubro
		Nossa Senhora de Nazaré		Graças a Deus
		Nossa Senhora de Nazaré		03 de Outubro
		Sagrado Coração de Jesus		03 de Outubro
		São Sebastião		03 de Outubro
		Nossa Senhora de Fátima		Setor IV Castelo Branco
		São Pedro		Castelo Branco
		São Jerônimo		Castelo Branco
		São Lourenço		Castelo Branco
São João Paulo II		Matriz de São João Paulo II		Urbano
		Nossa Senhora de Nazaré	Imperador	
		Sagrado Coração de Jesus	São José	
		Imaculado Coração de Maria	Imperial	
		São Pedro	Propira	
		Nossa Senhora Aparecida	Salgadinho	

		Nossa senhora das Graças		Jardim das Acácias
		Santa Luzia	Rural	Km 06 da PA-320
		Nossa Senhora do Perpétuo Socorro		Km 07 da PA-320 (Comunidade 15 de Maio)
		Nossa Senhora de Guadalupe		Calúcia
		Santo Antônio		Calúcia
		São Pedro		Alhanga
São Paulo VI e Santa Tereza de Calcutá		Matriz de São Paulo VI e Santa Tereza de Calcutá	Urbano	Conjunto dos Ipês (Fonte Boa)
		Nossa Senhora de Nazaré		Fonte Boa
		Nossa Senhora Auxiliadora		Transcastanhal (Fonte Boa)
		Priscila e Áquila		Novo Estrela
		Bom samaritano		Conjunto Ana Júlia
		São Raimundo	Rural	São Raimundo
		Santa Terezinha		Santa Terezinha
		Santa Clara		Ramal no Km 09 da PA-136
		São Francisco Xavier		Ramal no Km 09 da PA-136
		São Francisco de Assis		Iracema
		São Pedro		Iracema no Ramal do km 09 da PA-136
		Santo Antônio		Km 09 do Ramal de Iracema

Fonte: Pesquisa nas secretarias paroquiais.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS ANTRÓPICOS NA AMAZÔNIA
 - PPGEAA
 MESTRADO ACADÊMICO INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS ANTRÓPICOS NA
 AMAZÔNIA

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UFPA - INSTITUTO DE
 CIÊNCIAS DA SAÚDE DA
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO
 PARÁ



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: TRADIÇÃO E RENOVACÃO: A RELAÇÃO DE PODER ESTABELECIDADA ENTRE A RENOVACÃO CARISMÁTICA E A IGREJA CATÓLICA DE CASTANHAL, PARÁ, AMAZÔNIA.

Pesquisador: IZABEL NUNES DA GAMA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 31748820.0.0000.0018

Instituição Proponente:

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.059.572

Apresentação do Projeto:

Referido projeto denominado "Tradição e renovação: a relação de poder estabelecida entre a renovação carismática e a Igreja Católica de Castanhal, Pará, Amazônia.", propõe um estudo a respeito do conflito entre a Renovação Carismática Católica e a hierarquia da Igreja Católica no município de Castanhal-PA, tomando por base o referencial teórico de Bordieu, na perspectiva do chamado poder simbólico, procurando mostrar as relações de poder entre o movimento carismático e a tradição da hierarquia da Igreja Católica.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

- Analisar as características da Renovação Carismática na Igreja Católica de Castanhal

Objetivo Secundário:

- Comparar a percepção quanto ao Sagrado da Renovação Carismática e do Clero

- Constatar qual a visão do clero em relação aos carismas da Renovação Carismática

- Identificar qual a visão da Renovação Carismática em relação ao clero

Endereço: Rua Augusto Corrêa nº 01- Campus do Guamá, UFPA- Faculdade de Enfermagem do ICS - sala 13 - 2º and.
Bairro: Guamá **CEP:** 66.075-110
UF: PA **Município:** BELEM
Telefone: (91)3201-7735 **Fax:** (91)3201-8028 **E-mail:** cepccs@ufpa.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS ANTRÓPICOS NA AMAZÔNIA
 - PPGEAA
 MESTRADO ACADÊMICO INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS ANTRÓPICOS NA
 AMAZÔNIA

ANEXO B – DOCUMENTO DE FUNDAÇÃO DO GO MAIS ANTIGO DE CASTANHAL

**DIOCESE DE CASTANHAL
 PARÓQUIA CRISTOREI**

No dia 9 de maio de 1987, o Grupo de Oração da Renovação Carismática Católica denominado Cristo Rei, reuniu-se na Igreja Matriz da mesma paróquia, localizado no bairro Santa Lídia em Castanhal-Pará, por concessão do Padre Joel Lopes de Oliveira, atual pároco desta época.

Inicialmente, encontravam-se em torno de seis pessoas nas reuniões de oração a cada semana, porém, no decorrer do tempo, esse número foi aumentando e hoje se contam com aproximadamente 200 participantes, tanto adultos, como jovens e crianças. A reunião de oração acontece sempre às terças-feiras, no horário das 19h30 às 21h, na igreja.

Os primeiros participantes e fundadores do Grupo de Oração foram o casal Antônio (Toninho, como era conhecido) e Eliana, além de Raimunda Azevedo (a qual persevera até hoje). O Grupo de Oração Cristo Rei passou por uma experiência de dois anos até ser reconhecido como Grupo da Renovação Carismática Católica.

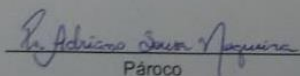
Atualmente, o GO compõe um núcleo de doze pessoas: uma coordenadora (Cleidianne Alves de Almeida), uma secretária (Jaqueline Barbosa da Silva), uma tesoureira (Eronilse do Socorro Costa Aguiar Sousa)- que compõem a coordenação do Grupo de Oração, bem como outros cinco irmãos- que coordenam os Ministérios de Intercessão, Música e Artes, Pregação, Jovem e de Oração por cura e Libertação. Além destes, participam, também, quatro convidados que são servos do Grupo de Oração e coordenam os Ministérios de Fé e Política, Família e Crianças e Adolescentes em nossa Diocese.

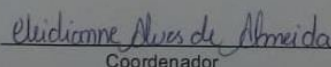
A RCC se reconhece, como afirmou o Papa Francisco: "Uma corrente de graça na Igreja e para a Igreja", pela vivência, nos dias de hoje, da experiência de Pentecostes, que impulsiona a todos os participantes ao amor à Palavra, à Santa Eucaristia, aos Santos Sacramentos, propiciando, assim, um crescimento conjunto no serviço à Igreja e na obediência ao Santo Padre, ao Bispo e ao Pároco.

Quanto a sua formação, o Grupo conta com fiéis leigos que se predispõem ao engajamento pastoral. Assim, os servos contribuem nas pastorais da Liturgia, Catequese, Acolhida, Dízimo, Ministros da Eucaristia, Batismo, Crisma, J1, J3, Equipe guia e nos Grupos de Lectio Divina, além de outras atividades da comunidade.

A Renovação Carismática Católica é um movimento nascido da Igreja e, vivenciando na igreja, tem como base a evangelização e o testemunho da Fé em Jesus Cristo.

CASTANHAL, 16 de SETEMBRO de 2019


 Pároco


 Coordenador